

# SERMÕES

## SOBRE O

# ESPIRITISMO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

# SERMÕES

## SOBRE O

# ESPIRITISMO

Pregados na catedral de Metz  
dias 27, 28 e 29 de maio de 1863

Pelo R. P. Letierce  
Da Companhia de Jesus

REFUTADOS POR UM ESPÍRITA DE METZ

Precedidos de  
Considerações sobre a loucura espírita



Acreditamos que há fatos que não são de forma alguma visíveis ao olho, nem tangíveis à mão, que o microscópio nem o escalpelo podem alcançar, tão perfeitos que não se pode supor; que escapam igualmente ao paladar, ao cheiro e à audição, e que entretanto são suscetíveis de ser constatados com absoluta certeza.

(Ch. Jouffroy, prefácio de Esboços de filosofia moral, p. 5.)

No ... omni spiritui credere, sed probare spiritus si ex Deo sint.

Não acrediteis em todo espírito, mas provai para ver se eles vêm de Deus.

(Máxima tirada do Evangelho pelo R. P. Nampon, da Cia. de Jesus. - ver sua brochura sobre o Espiritismo)



### PARIS

**DIDIER et C<sup>ie</sup>, Libraries**  
*Quai des Augustins, 35.*

**LEDOYEN, Librarie**  
*Palais Royal, Galerie d'Orléans, 31.*

### METZ

**VERRONNAIS, Imprimeur-Librarie**  
*Rue des Jardins, 14.*

**LINDEN, Librarie**  
*Rue Pierre-Hardie, 1.*

1863

Data da publicação: 27 de novembro de 2017

Tradutor: **Abílio Ferreira Filho**

Prefácio: **Antonio Cesar Perri de Carvalho**

Capa: **Ery Lopes**

Publicação: [www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



---

Autores Espíritos Clássicos

São Paulo/Capital  
Brasil

**PUBLICAÇÃO NA REVISTA ESPÍRITA**  
**SOB ORIENTAÇÃO DE ALLAN KARDEC**  
**(SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO)**  
**(01 ARTIGO)**

Embora não conheçamos pessoalmente o autor deste opúsculo, podemos dizer que é obra de um espírita esclarecido e sincero. Estamos contentes por ver a defesa do Espiritismo tomada por mãos hábeis, que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força.

Os argumentos dos adversários aí são combatidos com uma lógica à qual não sabemos qual outra poderiam opor, porque só há uma lógica séria, aquela cujas deduções nenhum lugar deixam à réplica, e achamos que a do autor está neste caso.

Sem dúvida, com ou sem razão, sempre se pode replicar, porquanto há criaturas com as quais nunca se diz a última palavra, ainda que se tratasse de lhes provar que há sol ao meio-dia; mas não é destes que se trata de ter razão, pouco importando que estejam ou não convencidos de seu erro.

Também não é a estes que nos dirigimos, mas ao público, juiz em última instância das causas boas ou más. Há no espírito das massas um bom-senso que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

Em nossa opinião, a brochura em questão reúne as vantagens do fundo e da forma, isto é, à justeza do raciocínio alia a correção e a elegância do estilo, que jamais prejudica coisa alguma e torna a leitura de qualquer escrito mais atraente e mais fácil. Não duvidamos que este escrito seja acolhido por todos os espíritas com a simpatia que merece.

Nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrições. Contribuindo para sua propagação, os espíritas prestarão serviço à causa.

Allan Kardec - Revista Espírita de Setembro de 1863

**PUBLICAÇÃO NA REVISTA ESPÍRITA**  
**SOB ORIENTAÇÃO DE ALLAN KARDEC**  
**(SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO)**  
**(02 ARTIGO)**

É sempre uma satisfação ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, aliam calma e moderação, da qual nunca nos devemos afastar, mesmo contra os que não usam os mesmos processos a nosso respeito.

Cumprimentamos o autor deste opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu interessante e muito consciencioso trabalho que, não temos dúvida, será acolhido com a atenção que merece.

A carta posta no início da brochura é um testemunho de simpatia que não poderíamos reconhecer melhor do que a transcrevendo textualmente, pois é uma prova da maneira pela qual ele compreende a doutrina, bem como os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

“Cremos que haja fatos que não sejam visíveis ao olho, nem tangíveis à mão; que nem o microscópio, nem o escalpelo podem alcançar, por mais perfeitos que se os suponham; que igualmente escapem ao gosto, ao olfato e ao ouvido e que, no entanto, são susceptíveis de ser constatados com absoluta certeza (Ch. Jouffroy, prefácio dos Esquisses de philosophie morale, pág. 5).

“Não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos vêm de Deus.”(Evangelho).

“Senhor e caro mestre,

“Dignai-vos aceitar a dedicatória desta modesta defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques dirigidos contra nossa sublime moral? Seria para mim o mais seguro testemunho de que estas páginas são ditadas por este espírito de moderação que diariamente admiramos em vossos escritos e que nos deveria guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-a como singelo ensaio de um dos vossos recentes adeptos, como profissão de fé de um verdadeiro crente.

Se meus esforços forem felizes, atribuirei o seu sucesso ao vosso elevado patrocínio; se minha voz incompetente não encontrar eco, ao Espiritismo não faltarão outros defensores e terei para mim, com a satisfação da consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia.”

Extraímos da brochura a passagem seguinte, de um dos sermões do reverendo padre Letierce, a fim de dar uma idéia da força de sua lógica.

“Nada há de chocante para a razão em admitir, num certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; tal comunicação é perfeitamente compatível com a natureza da alma humana, encontrando-se numerosos exemplos no Evangelho e na Vida dos santos; mas eram santos, eram apóstolos.

Para nós, pobres pecadores que, nos precipícios deslizantes da corrupção, não precisaríamos senão de uma mão socorrista para nos reconduzir ao bem, não é um sacrilégio, um insulto à justiça divina ir pedir aos Espíritos bons, que Deus espalhou à nossa volta, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica?

Não é uma audácia ímpia pedir ao Criador que nos envie anjos de guarda para que nos lembrem incessantemente a observação de suas leis, a caridade, o amor aos nossos semelhantes e nos ensinar o que devemos fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível a esse grau de perfeição que eles próprios atingiram?

“Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, só é ouvido pelas almas dos maus, em nome das potências infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas são os Espíritos dos condenados; suas comunicações e seus preceitos, é verdade, são semelhantes aos que nos poderiam ditar os mais puros anjos; todos os seus discursos respiram as mais sublimes virtudes, das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição, que mal podemos atingir nesta vida. Mas é apenas uma armadilha para melhor nos atrair, um mel cobrindo o veneno com o qual o demônio quer matar nossa alma.



“Com efeito, as almas dos mortos, segundo Allan Kardec, são de três classes: as que chegaram ao estado de Espíritos puros, as que estão no caminho da perfeição e as almas dos maus.

Por sua natureza, as primeiras não podem vir ao nosso apelo; seu estado de pureza torna impossível qualquer comunicação com as almas dos homens, encerradas em tão grosseiro envoltório; aliás, que viriam fazer na Terra? pregar exortações que não poderíamos compreender?

As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para perder tempo vindo conversar conosco; ainda não são as que nos assistem em nossas reuniões. O que é, então, que nos resta? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas não precisam ser rogadas para vir; sempre dispostas a aproveitar o nosso erro e a nossa necessidade de instrução, dirigem-se em massa junto a nós, para com elas nos arrastar ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus.”

Allan Kardec - Revista Espírita de Outubro de 1863





## **DEDICÁTORIA DE UM ESPÍRITA DE METZ**

Ao Senhor ALLAN KARDEC

Paris

Senhor e caro Mestre,

Dignar-vos-eis de aceitar a dedicatória dessa modesta defesa em favor do Espiritismo, do grito de indignação de um espírita contra os ataques dirigidos contra nossa sublime moral? Isso seria para mim o mais certo testemunho de que essas páginas são ditadas pelo espírito de moderação que nós admiramos a cada dia em vossos escritos, e que nos deveria guiar em todas nossas lutas.

Aceitai-o como o ensaio incipiente de um de vossos recentes adeptos, como a profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, eu atribuirei o sucesso a vosso alto patrocínio; se minha voz inábil não encontrar eco, não faltará ao Espiritismo outros defensores, e eu terei para mim, com a satisfação da minha consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo Apóstolo imortal de nossa filosofia.

Um Espírita de Metz.

Metz, 10 de Junho de 1863.



## **PREFÁCIO**

O livro Sermões sobre o Espiritismo pregados na catedral de Metz refutados por um espírita de Metz, publicado em 1863, pela Didier (de Paris) e Verronais (de Metz), é histórico e assinala bem algumas polêmicas que ocorriam por ocasião do trabalho do Codificador Allan Kardec. Metz é cidade da França próxima à fronteira com Luxemburgo e Alemanha.

O Codificador viveu no Século XIX – época das luzes que provocou grandes descobertas e teorias que modificaram o modo de vida do homem sobre a Terra, sua própria concepção e o papel que ele representa no planeta e no universo. Simultaneamente foi um período de muitas polêmicas e choques na vida política e religiosa da França.

Para situarmos o contexto do ambiente da religião na França, lembramos que após a Revolução Francesa, no período do Terror, Robespierre impôs a religião racionalista e presidiu a cerimônia de introdução de uma bailarina na Catedral de Notre Dame, para caracterizar o estabelecimento do culto da razão. Poucos anos depois o cônsul Napoleão Bonaparte estabeleceu uma nova relação com a Igreja Católica, tida como oficial até a Revolução, e assinou com o Papa Pio VII a Concordata de 1801, acordo que visava a restauração da Igreja Católica na França pós-revolução. O Catolicismo seria "a religião da grande maioria dos franceses", porém não mais a religião oficial, em respeito ao Protestantismo que se expandia.

Em 1846 Pio IX assume o papado, e exerceu um dos mais longos pontificados da história, até o ano de 1878. Portanto contemporâneo do trabalho do Codificador. Pio IX condenou diversas proposições que contrariavam a visão católica na época. Entre estas, condenava as

ideologias do panteísmo, naturalismo, racionalismo, indiferentismo, socialismo, comunismo, maçonaria judaísmo, Igrejas que se apresentavam como cristãs e se propunham a explicar a Bíblia e várias outras formas de liberalismo religioso consideradas incompatíveis com a religião católica. Era tipicamente um conservador.

No seio da própria igreja católica da França surgem inquietações, ou, numa outra ótica, esforços importantes por parte de religiosos como: Félicité Robert de Lamennais (1782-1854), liberal que advogava a separação do Estado da Igreja, a liberdade de consciência, educação e imprensa. Jean-Baptiste-Henri Lacordaire (1802-1861), vigário da Catedral de Notre Dame, que escrevia claramente sobre “o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos” e defendia que a “união da liberdade e do Cristianismo seria a única possibilidade de salvação do futuro”, escreveu à Sra. Svetchine, em 20 de junho de 1853, a propósito das mesas girantes: “Também, mediante essa divulgação, Deus quer talvez proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, ante as maravilhas da mecânica, que há dois mundos contidos um no outro, o mundo dos corpos e o mundo dos Espíritos.” Evidentemente que Lamennais e Lacordaire foram punidos pelo Vaticano.

Várias polêmicas se disseminavam no seio da igreja católica francesa. Motivado por discordâncias sobre o dogma da imaculada Conceição e sobre celibatarismo, o padre Jean-Louis Verger assassinou o arcebispo de Paris Marie Auguste Dominique Sibour, em janeiro de 1857.

Aos 9 de outubro de 1861, aconteceu o famoso “auto de fé”, em Barcelona (Espanha), quando foram queimados em praça pública centenas de obras de autoria de Allan Kardec.

Esse foi o contexto vivido por Allan Kardec por ocasião da redação das Obras Básicas do Espiritismo.

Com o título de Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo Alan Kardec lançou em Paris em abril de 1864, o livro que interpreta o ensino moral do Cristo. Um mês depois esta foi incluída no Index librorum prohibitorum, a lista de publicações proibidas pela Igreja Católica. Este título foi alterado na segunda edição para O Evangelho segundo o Espiritismo.

Pelo cenário sintetizado, pode-se entender a preocupação do padre R.P. Letierce, em proferir sermões na cidade de Metz, combatendo o Espiritismo. Ele se inseria dentro do contexto católico predominante da época.

Por outro lado, o “espírita de Metz” elaborou argumentação firme e coerente com a Doutrina Espírita para refutar o padre Letierce. Para a época, eram preocupações pertinentes para um espírita que convivia com a fase inicial da elaboração e difusão da Doutrina Espírita. As principais questões levantadas pelo pároco de Metz eram: relacionar Espiritismo como causa de loucura; o Espiritismo como maldade; a tibieza dos espíritas; a “influência dos espíritos do inferno”; a não aceitação do dogma da eternidade das penas; ser uma heresia...

Ao mesmo tempo, no seio do próprio catolicismo francês, já surgiam manifestações significativas, de contemporâneos de Kardec. O abade Marauzeau, em carta dirigida a Allan Kardec: "Mostrai ao homem que ele é imortal. Nada vos pode melhor secundar nessa nobre tarefa do que a comprovação dos Espíritos de além-túmulo e suas manifestações. Só com isso vireis em auxílio da religião, empenhando ao seu lado os combates de Deus". O abade Leçanu, em seu livro História de Satanás anotou: "Observando-se as máximas de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, faz-se o bastante para se tomar santo na Terra".

As acusações do pároco ficaram completamente ultrapassadas pelos fatos em seguida à publicação do livro em foco, e destacando apenas produções do século XIX: a própria sequência de outras obras de Kardec, como O evangelho segundo o espiritismo (que contém mensagens de

Lamennais e de Lacordaire), O céu e o inferno (que contém manifestações do padre Verger), A gênese e a riquíssima coleção da Revista Espírita; obras de vários autores e de pesquisadores daquele século: Léon Denis, Alexandre Aksakof, Cesare Lombroso, William Crookes, Oliver Lodge, Charles Richet, William James, Gabriel Delanne, e outros. Ainda no século XIX o médico brasileiro Adolfo Bezerra de Menezes publicou o livro A loucura sob novo prisma.

O livro do “espírita de Metz” tem grande valor histórico e, acima de tudo, registra a coragem de um homem que não temia as pressões e perseguições religiosas e demonstrava profunda fidelidade ao nascente Espiritismo.

São Paulo, novembro de 2017.

Antonio Cesar Perri de Carvalho

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que há fatos que não são visíveis ao olho, nem tangíveis à mão, que o microscópio nem o escalpelo podem alcançar, tão perfeitos como se supõem; que escapam igualmente ao paladar, ao olfato e à audição, que, entretanto, são suscetíveis de serem constatados com absoluta certeza.

(Ch. Jouffroy, prefácio de *Esboços de filosofia moral*, pág. 5.)

Nolite omni spiritui credere, sed probare spiritus ex Deo sint.

Não acrediteis em todo espírito, mas provai-os para ver se eles vêm de Deus.

(Máxima extraída do Evangelho pelo R. P. Nampon, da Cia. de Jesus. -Ver sua brochura sobre o Espiritismo. )

Desde que o Espiritismo, em princípio como moda de distração, se tornou a questão filosófica, o problema moral que agita mais violentamente a massa das inteligências, se expressa todos os dias nos discursos e brochuras pró e contra essa nova teoria. Não é para obedecer a essa espécie de necessidade de escrever e de argumentar, que eu deixo ao leitor o que se segue: jamais a idéia de defender publicamente minhas convicções me chegou sem a circunstância que se apresentou há alguns dias em nosso meio. Bem, outros, com efeito, mais hábeis e mais autorizados do que eu, podem consagrar à defesa do Espiritismo seus talentos incontestados; nós, o *ignotum vulgus* dos crentes, só temos que crer e admirá-los, após ter discutido todavia seus argumentos, assim como os de nossos adversários. Mas eu não pude entender as múltiplas acusações com que nossa doutrina foi o objeto da parte de um ministro da religião, sem me dizer: não devemos deixar aos católicos a impressão, mais lamentável para nós, - veremos por todas as censuras que nos são imputadas, - que resultaria infalivelmente de palavras do padre. Como o

receio de ver ameaçadas suas convicções religiosas o desvia, não nos admiramos, embora o Espiritismo, como o demonstraremos, não ataca em nada os verdadeiros dogmas católicos; mas não saberíamos nos calar, quando nos acusam de falsificadores, conspiradores, ímpios. Não pregamos a doutrina a todo o mundo, deixando ao tempo o cuidado de levar a luz e esperando que o dia da conversão geral não esteja longe; mas quando nos sentimos em luta com ataques tão virulentos, com acusações que só têm fundamento no espírito de partidarismo daqueles que os lançam, nós nos defendemos; não é somente nosso direito, mas nosso dever. A todas as injúrias ou os escárnios com que nos atacam, tentamos opor com uma firme moderação; às injúrias respondemos pelo desdém.; aos escárnios, pelos argumentos: a imparcialidade do leitor julgará entre nossos adversários e nós.

Como não se procura nesta modesta brochura uma defesa em regra do Espiritismo, e eu o repito, escritores melhor dotados o fizeram antes de mim, e eu seria insensato em vir dizer, em outros termos, o que os mestres veneráveis da ciência já se exprimiram tão bem. Eu peço ao leitor toda sua indulgência; se o sucesso não responder à minha expectativa, longe de me admirar, eu rogarei somente ao público de não me taxar de pretensão: um acusado tem necessidade de ser eloqüente para se defender, e, porque ele não se sente hábil, é necessário para isso que ele se deixe condenar sem nada dizer?

Isso não diz respeito somente aos Espíritas. O defensor pode apresentar algum interesse para todos aqueles que ouvirem a acusação, se eles não vêm com indiferença a luta que agita nesse momento todos os espíritas, luta que se finalizará, nós esperamos, pelo triunfo da verdade.



## SOBRE A LOUCURA ESPÍRITA

Um dos argumentos mais fortes que nossos adversários descobriram até esse dia contra o Espiritismo, - e Deus sabe se eles são hábeis em procurar, - um daqueles que acreditam sem réplica, que deve infalivelmente, em sua opinião, nos derrotar, a nós e nossa doutrina, é o que eles deduzem do perigo dos estudos espíritas para a razão humana. É, portanto, necessário combater suas insinuações discutindo primeiro seus valores, e examinando em seguida pelo raciocínio direto qual pode e deve ser a influência do Espiritismo sobre nossa razão.

Vamos estudar sucessivamente as três questões seguintes:

Os casos de loucura produzida pelo Espiritismo são tão numerosos como o pretendem certas pessoas?

O Espiritismo estudado de uma maneira inteligente pode conduzir à loucura?

Enfim, não pode ele, em muitos casos, preservar certos espíritos fracos da demência?

Não tomaremos um a um, para discuti-los, os números de nossos adversários, para examinar qual grau de confiança se deve lhes conceder; isso seria um trabalho de estatística que não faria falta sem dúvida de uma certa utilidade, mas cujo exame poderia ser muito fastidioso para nossos leitores. Podemos ao menos dar uma idéia da boa fé de certos detratores de nossa teoria, mostrando alguns exemplos do que sua imaginação é capaz de fantasiar. A propósito de um ataque desse gênero dirigido contra nós, escrevíamos ultimamente no *Courrier de la Moselle*, em Metz, a seguinte carta, que reproduzimos na íntegra.

"Metz, 7 de Abril de 1863.

"Senhor Redator,

"Algumas linhas do *Courrier de la Moselle*, da quinta feira, 2 de abril, que me caíram nas mãos, me inspiram a seguinte resposta, que vos solicito inserir em vosso próximo número. - Eis aqui essas linhas:

*"Só em uma das clínicas nos arredores de Lyon, contam-se quarenta pessoas com alienação mental por causa de Espiritismo. "*

Não responderíamos jamais a essas pretensas estatísticas, emitidas com um objetivo evidente de ataque contra o Espiritismo, persuadidos que somos de que elas produzem um efeito todo contrário ao que se espera, se temêssemos que nosso silêncio não passasse aos olhos de algumas pessoas como uma adesão.

Uma primeira questão: Esse número é exato? Um simples zero a mais não escapa algumas vezes, por acaso, à caneta dos correspondentes do *Courrier de la Moselle de Lyon*? Eu receio que sim, e o que tende a prová-lo, é um artigo no mesmo sentido, extraído pela *Gironde de Bordeaux*, e pela *Presse, do Salut Public de Lyon*, e onde o Senhor Burlet, interno do hospital, se estende com complacência sobre seis casos de loucura espírita observados em um dos hospitais dessa cidade. Se aí houvesse quarenta alienados espíritas em uma só clínica, o Senhor Burlet, na mesma cidade, se faria um argumento, que ele crê sem réplica desses seis casos isolados? Eu não creio. Isto colocado, deixemos os números de lado, e respondamos, em poucas palavras, ao fundo mesmo desses ataques, que é este: *O Espiritismo é uma poderosa causa de loucura.*

Atribuindo ao Espiritismo todos os casos de alienação mental observados em seus adeptos, nossos adversários me parecem jogadores que, perdendo ao lado de uma pessoa, atribuem à influência dessa pessoa sua má sorte. Isso é um pouco parecido. Porque o Espiritismo e a loucura coexistem às vezes, esta é necessariamente a consequência daquele?

Mas esses alienados não eram somente espíritas, eles eram também comerciantes, médicos ou advogados; eles eram sábios, artistas ou

literatos; casados, pais de família ou apaixonados. Por que não atribuir também sua loucura às preocupações de suas profissões, às preocupações de suas obras, às suas afeições frequentemente decepcionadas? E vós partireis daí para proibir as pessoas de serem advogados, artistas, ou pais de família, porque eles teriam menos chance de ser alienados.

Mas dissei, já que o Espiritismo não é necessário à humanidade, por que acrescentar essa causa de loucura a todas aquelas muito numerosas que já existiam antes? É verdade: mas não pode se passar por poesia? E, porque LE TASSE (Torquato Tasso, poeta italiano, 1544-1595 ) morreu em um hospital, e Galileu, também tão importante, expiou por uma injusta perseguição o crime de ter sido um grande gênio, é preciso condenar o culto da poesia e o estudo das ciências, o que a humanidade pode muito bem a rigor dispensar? Sem contar os casos de loucura produzida pelos sermões sobre o inferno, ou outros do mesmo gênero, que ninguém tem a ousadia de proibir.

O Espiritismo pode ser uma causa determinante de loucura: por que não o reconheceríamos? Ele tem isso de comum com todas as idéias e os sentimentos que podem absorver o coração ou o espírito humano, ao ponto de ser mais fortes que a razão. Mas o que nós contestamos, são, primeiro, os números, e em seguida as deduções que se pretende daí tirar. O pouco espaço de que dispomos nos impede de refutar à nossa vontade essas deduções. Para terminar essa resposta já muito longa, notemos somente em passant que muitos círculos espíritas são frequentados e vários presididos por médicos, que valem por vezes como juízes dessa questão, os correspondentes de jornais de Lyon, fossem eles internos de hospitais. Para vossos leitores julgar.

Eis aí como acreditamos dever responder, tanto que nos permitisse estender uma carta, a esses ataques em que o Espiritismo é cada dia objeto.

Essa carta contém em germe todos os argumentos que nos propusemos desenvolver contra a loucura espírita, exceto o último, difícil de expor tão brevemente sem apoiá-lo em provas, e do qual falaremos agora mesmo.

Ela é suficiente, eu creio, para elucidar nossos leitores sobre o exagero dos números de nossos adversários. Esse exagero deles é frequentemente involuntário; muito, me convém, são de boa fé, ele se enganam somente porque julgam com opiniões preconcebidas. A gente é levada tão naturalmente a apreciar uma coisa de seu próprio ponto de vista, a explicar o mesmo fato por considerações de natureza muito diferente, com frequência radicalmente oposta, segundo as influências externas ou internas que agem sobre nós, sem sair por isso, ou sem crer sair pelo menos da verdade! É assim, por exemplo, que na guerra, um soldado só vê a glória a conquistar, um artista quadros para pintar, um proprietário impostos a pagar, um covarde perigos que ele teme, um cirurgião membros a amputar, sem que nenhum deles possa, a seu malgrado, aí achar outra coisa.

Do mesmo modo, nossos adversários encarniçados, os *espiritófobos*, se assim eu posso me exprimir, vêm por toda parte a influência funesta do Espiritismo, preocupados como estão com suas idéias anteriores, como um fazendeiro que acreditasse ter uma raposa em sua propriedade se dispusesse a atribuir-lhe o desaparecimento de todas as galinhas que agradasse a um ladrão hábil para roubá-lo.

E depois, a propósito de uma questão palpitante de interesse e atualidade como esta, fazer carga à toda velocidade sobre os partidários da nova idéia, é frequentemente uma bela ocasião de brilhar e despertar seus talentos! O senhor Burlet podia encontrar uma nova tese no estudo de casos de loucura por ambição, por amor, etc.? Não; todo mundo tinha falado disso antes dele. Ao contrário, ele toma seis casos de loucura que ele explica pelo Espiritismo, ele os analisa longa e complacentemente, e eis aí um serviço eminente prestado à ciência e à humanidade! Tem-se visto pessoas fazer nome por menos do que isso.

Pelo menos o Senhor Burlet e o *Courrier de Lyon* colocaram a sociedade ao abrigo de nosso acesso de alienação mental; todos os loucos espíritas, eles os encerram em casas de campo; saibamos sua vontade de moderação, enquanto tantos outros de nossos adversários declaram que o Espiritismo em si mesmo é uma demência, que é preciso ser pelo menos louco, se não for imbecil para aceitar essa crença: não é perfeitamente o *delirium tremens*, mas quase isso. Ao menos confessam que esses loucos não muito nocivos às pessoas razoáveis, passando seu tempo para se instruir sobre as mais altas questões de moral e de filosofia, a pregar a caridade, a abnegação de si mesmos e o devotamento aos outros. De mais a mais eles não partilham a mania comum dos outros loucos, de querer forçar todo o mundo a aceitar sua idéia dominante; a propaganda não está na ordem do dia entre eles, o que derruba a acusação que alguns lhes lançam de querer fundar uma nova religião; eles prosseguem seus modestos e laboriosos trabalhos em reuniões quase sempre privadas, sem se preocupar com escárnios e injúrias dos que os perseguem; não somente não atacam primeiro seus adversários, desprezam e não respondem a suas veementes sátiras, de sorte que não se pode sempre dizer o mesmo de nós:

O Espiritismo é fortemente mau,  
Quando se o ataca ele se defende!

É isso um tipo geral de louco?

Se o argumento da loucura espírita foi sobretudo repetido com persistência nos últimos tempos, o motivo é bem simples. A nova doutrina faz progressos *assustadores*, tais que seria preciso números para dar uma idéia, e isto, malgrado tudo o que se pôde imaginar para combatê-la; também, não havendo mais recursos, nossos adversários se agarram com pressa a esse último ramo, tão fraco como seja, acreditando assustar as pessoas temerosas, mostrando o perigo por sua razão: eis aí o segredo de suas estatísticas espantosas.

Entretanto, não sejamos por demais absolutos em nossas declarações. Nós dissemos precedentemente, ser o Espiritismo uma causa de loucura; mas o que é fácil demonstrar, é que não é assim para as pessoas que o estudam com Inteligência.

Toda manifestação espírita, sobretudo quando é acompanhada de fenômenos materiais, supera, no primeiro momento, a razão do vulgar e assusta nossa imaginação; foi assim para a maioria dos atuais adeptos do Espiritismo: ele só é dado a inteligências de elite a pressentir a verdade sem estudo prévio. Para essas inteligências, de qualquer modo que elas sejam iniciadas na nova doutrina, essa iniciação não apresenta nenhum perigo. Habitado a jamais afirmar ou negar sem controle, a não se admirar de um fato senão depois de ter achado a causa, o homem verdadeiramente sensato não negará antes de ter visto, não se assustará de modo nenhum depois; antes de aceitar o fato do qual é testemunha, ele examinará se uma manifestação semelhante está compatível com a natureza da alma humana, e, reconhecendo que está por assim dizer em sua essência, não somente ele acreditará no que terá visto, mas, de dedução em dedução, ele adivinhará o resto. Que perigo pode ter aí para a razão? É uma ameaça de ir para o Bicêtre (hospital nos subúrbios ao sul da Paris, construído em 1634), porque se deduz consequências exatas de um princípio verdadeiro por argumentos filosóficos da mais elevada ordem? Eis aí para o crente, para o homem que se torna um adepto fervoroso dessa doutrina. Para aquele que não crê após ter visto, que acolhe com um sorriso de desdém e de menosprezo os fatos em presença dos quais ele se encontra, quando ele aí não acrescenta mais uma acusação de charlatanismo e de malabarismo, para este, digo eu, o perigo é bem menor ainda. A terceira classe enfim é dos curiosos que, indiferentes a tudo, querem simplesmente ver por ver; estes não se assustam, não procuram se dar conta de nada, e esquecem no dia seguinte essa pretensa vontade de se instruir que tinham na véspera; a gente conhecerá como eu que eles fornecem ao senhor Burlet pouco caso para estudar.

Em lugar disso, suponhamos um homem de uma natureza sensível, com um cérebro fraco, uma inteligência limitada, qualidades que se acham reunidas muito frequentemente; que se de repente se permita a esse homem, que não tem nenhuma noção da natureza da alma, assistir a manifestações espíritas mais ou menos impressionantes, compreende-se que a surpresa da primeira impressão seja misturada de pavor, que sua imaginação, vivamente excitada, o empolgue além dos limites do verdadeiro, e que sua razão seja atacada. Mas além de ser muito raro esse caso, ele só acontece pela imprudência de pessoas que querem se elevar de uma só vez às aplicações mais árduas de uma ciência cujos elementos elas ignoram. Se tivessem lido antes de ver, se tivessem procurado compreender antes de conhecer, a possibilidade das manifestações lhes teria claramente aparecido, a comunicação das almas dos mortos com as dos vivos lhes teria parecido um fenômeno natural ao qual seu espírito tivesse podido designar limites razoáveis. É por isso que às pessoas que querem se instruir sobre a doutrina espírita, nós aconselharemos sempre estudar primeiro, e pesquisar os fatos depois; nós diremos mesmo que aquele a quem é preciso um fato material para formar uma crença, jamais será um verdadeiro espírita: o fato só deverá ser para ele uma verificação, um assunto de instrução e de estudo, mas não uma prova necessária.

O que há de espantoso ao que um ignorante não deva, não possa entrar de peito aberto nas manifestações de além-túmulo? Uma criança que balbucia apenas conseguirá desvendar os arcanos da ciência? O médico que opera um cego de catarata o colocará, imediatamente após sua cura, em presença de uma luz ofuscante e não o poupará dessa luz em graus sucessivos?

Mas isso não é tudo. Para as pessoas que a compreendem como ela deveria ser compreendida, o estudo da doutrina espírita, longe de apresentar perigo para a razão, servirá com frequência a preservar de mil causas perniciosas que poderiam chocá-la. Quais são com efeito as



influências que determinam mais frequentemente no homem a alienação mental?

Essas influências são de duas espécies: internas ou externas. As primeiras, como o indica seu nome, existem no próprio indivíduo, independentemente dos objetos que o cercam; elas contêm seja em sua constituição física, seja em uma tensão constante de seu espírito absorvido por uma idéia fixa, como, por exemplo, um sábio pela pesquisa de seu problema. Os outros, - e são os casos mais frequentes, - têm sua fonte em fatos materiais da ação dos quais ele não pode escapar. É o desgosto que nos causam nossas afeições decepcionadas ou quebradas pela morte, ou, em uma ordem de idéias menos elevadas, nossos interesses materiais fortemente comprometidos, a má fortuna parecendo obstinar-se a perseguir um homem, a honra de um negociante atingido por uma bancarrota que ele não pôde evitar. O desespero que nasce desses infortúnios, sobretudo quando eles ocorrem de improviso, é com frequência bastante violento para tremer o cérebro e produzir a loucura, antes que o tempo tenha podido suavizá-lo. É aqui que o verdadeiro espírita se fundamenta nas idéias das quais se acha imbuído, a resignação necessária para suportar seus males; é aqui que sua crença é um preservativo poderoso contra a loucura, ou mesmo o suicídio. Não são consolações vãs, fórmulas ou preceitos mais ou menos usados que lhe fornece nossa doutrina; não, ela lhe permite encontrar em si mesmo a força para resistir à adversidade. O Espiritismo diz com efeito ao homem:

"Teu espírito, criado por Deus com um pressentimento bastante vago a princípio da felicidade que o aguarda, e do bem que deverá fazer para conquistá-la, tem necessidade, para chegar ao estado de perfeição ao qual o Criador o destinou, de suportar uma série de provas em que cada uma é um passo a mais na direção desse grau de perfeição. Essas provas, Deus as impõe na vida atual, seja como castigo de faltas cometidas em uma outra existência, seja simplesmente como meio de aperfeiçoamento de tua alma. Nos dois casos, tu deves suportá-las sem murmurar, e mais, sem se desesperar com a bondade divina, pois tu sabes que elas são

passageiras, que é um avanço em direção a uma felicidade talvez muito próxima".

Eis aí o que nos diz a doutrina espírita, eis aí as idéias das quais o adepto fervoroso jamais se afasta, o escudo salutar que ele opõe à adversidade. Ele a suportará com resignação, mesmo com alegria, sonhando com a felicidade que o aguarda, como os mártires tecem louvores a Deus nos suplícios, chamando a morte para livrá-los de seus males e conduzi-los ao seio do Eterno. Os traços de infortúnio se amortecem contra tal couraça. Como então a infelicidade que se abate sobre nós pode agir ao ponto de agitar nossa razão?

Essa resignação é suficiente para os males puramente materiais; mas para os desgostos causados pela perda de uma pessoa amada, o Espiritismo fornece ainda mais uma poderosa consolação, não somente ensinando que não é preciso chorar o amigo, o familiar morto após ter cumprido sua missão na terra, mas nos dizendo que ele não está inteiramente perdido para nós. Com efeito, sua alma, desembaraçada dos laços da matéria, ficará feliz em vir se comunicar conosco, e relembrar a afeição que nos ligava nesse mundo; ela mesma nos dirá para não maldizer a morte que a libertou de seus entraves, nos ajudará com seus conselhos, estará conosco sem cessar para nos assistir nas circunstâncias difíceis, nos encorajará enfim a esperar com paciência que Deus nos chame na nossa vez. Eu o repito, com semelhantes idéias, uma afeição partida pode nos abater produzindo a loucura? Não, e aí onde mesmo as consolações da religião são impotentes, a ação do Espiritismo será com frequência bastante eficaz para evitar essa negação da razão que se o acusa hoje de produzir tão frequentemente. Mas é preciso para isso que as comunicações de além-túmulo não sejam um simples objeto de curiosidade ou de estudo; não é suficiente para ser um verdadeiro espírita fazer girar mesas, ou mesmo crer nos espíritos; é preciso ainda estar bem imbuído das altas verdades morais que nos ensinam os espíritos, e que, nos preservando do orgulho na prosperidade, nos tornam fortes nos maus dias.

O que concluir de tudo o que foi dito? Entre as pessoas que nos perseguem sem cessar com sarcasmos ou injúrias, raramente com provas ou fatos, estão detratores sistemáticos; outros se deixam seduzir, malgrado eles mesmos, por raciocínios frequentemente especiais; o maior número enfim, se é preciso confessar, fazem dessa categoria tão conhecida das ovelhas obedientes: eles atacam os espíritas para imitarem os outros. Estes, somente o tempo poderá alinhá-los à nossa opinião. Aos segundos dizemos: estudem seriamente e julguem por vocês mesmos; poderão em seguida nos condenar. Se os primeiros nos acusam de charlatanismo, nós lhes perguntaremos quantos de nossos irmãos se enriqueceram ou se elevaram pelo Espiritismo, ou tiraram algum proveito do tempo que se consagram a esse estudo. Se eles nos declaram loucos, ou alguma coisa melhor, bem, minha fé, consolemo-nos da parte de nossa razão repetindo com o Evangelho:

Eu receio somente, do modo como se passam as coisas, que se eles querem nos prender a todos, não haverá em breve na França mais loucos que pessoas conscientes para zombar deles; quem sabe então se os papéis não serão trocados, e se as ovelhas não trocarão de direção?

## OS SERMÕES DO R. P. LETIERCE

Antes de discutir o valor dos ataques que temos que refutar, é bom, eu creio, resumir em poucas palavras a história e a marcha progressiva do Espiritismo na França nos últimos dez anos, e os obstáculos contra os quais ele teve que lutar. Esse rápido exame ajudará melhor a compreender o espírito que dirige a maioria de nossos adversários, e o caso que devemos fazer de seus insultos e de suas sátiras.

Há alguns anos quando o Espiritismo começou a nos dar sinal de vida, a França inteira, arrebatada por um irresistível espírito de curiosidade, e por um amor desenfreado pela novidade que faz parte integrante de nossa natureza, se entregou com paixão a essa distração desconhecida, se pôs a colocar em jogo com furor essa poderosa notícia, física ou intelectual, talvez mesmo as duas, que, não contente de fazer girar as mesas e de quebrar os móveis, respondia a questões que não se podia suspeitar de conhecer antecipadamente. Desde que o primeiro movimento de curiosidade foi aliviado, desde que, em todos os salões de Paris e da província, nas classes elevadas e nas pobres, foi colocado em movimento durante vários meses todas as mesas das quais podíamos dispor, imensa gargalhada se elevava por toda parte; o francês nascido esperto, começou a brincar por si mesmo, a julgar que fora bem ingênuo por se deixar prender por tanto tempo a semelhantes puerilidades, e se encheram de confiança a Bicêtre todos os pobres de espírito que não cederam logo a esse novo capricho da moda. Um pequeno número de pessoas com efeito, - eram loucos, eram sensatos? - transformaram as manifestações dessa potência desconhecida numa maneira agradável de passar o tempo; eles aí previam um novo futuro para a filosofia, um meio de aperfeiçoamento da alma, uma fonte de comunicações com um mundo do qual não tínhamos até então nenhuma idéia. A hilaridade geral que tinha acolhido esses pressentimentos se acalmou um pouco, quando se viu que o número daqueles que se entregavam aos estudos espíritas crescia dia a dia, e que, entre esses se encontravam homens bastante

recomendáveis do ponto de vista moral; quando sobretudo apareceu pela primeira vez a profissão de fé do Espiritismo, o credo de seus adeptos, o *Livro dos espíritos* enfim. Começou-se então a tratar a questão por um ponto de vista um pouco mais sério; mas, como acontece sempre numa discussão desse gênero, nossos adversários, isto é, a maioria dos incrédulos, lançaram contra nós, em lugar de razões demonstrativas, uma acusação evidentemente absurda. Isso foi, para o momento, sua *Última razão*. Não se tratou mais de loucos rindo, passamos a lamentar, a olhar com piedade essas infelizes vítimas de uma alucinação de cada instante, que acreditavam em histórias do outro mundo, e que recomeçavam a pôr em vigor as práticas supersticiosas da idade média sobre as evocações dos mortos. Felizmente não era necessário apelar para a fogueira, lançar drogas, e traçar círculos no ar com uma vara mágica, sem o que nós tivéssemos sido expostos talvez a sermos queimados como bruxos, para nos curar de tais frivolidades. Tal foi o terceiro período do Espiritismo na França.

As peregrinações da alma humana na terra após a morte, as comunicações com os vivos, a teoria da reaparição sucessiva do mesmo espírito em vários corpos diferentes, e em outros mundos que não aquele que habitamos, tudo isso ultrapassa muito a imaginação, tudo isso saía tão violentamente das idéias aceitas sobre a outra vida, que era permitido se endurecer contra essa insolente teoria que vinha se impor, não preconizadas por homens mesmo recomendáveis, mas explicada e desenvolvida por espíritos superiores que se chamavam quando vivos São Luiz, Santo Agostinho, ou São Gregório de Naziance.

Refletindo melhor todavia, começou-se a reconhecer que essa teoria não tinha de tão estranho como parecia no primeiro momento; viu-se que idéias análogas tinham sido emitidas pelo filósofos mais renomados da antiguidade, que todos se entregavam à evocação dos mortos, e uma multidão de fatos até então inexplicáveis vieram receber sua confirmação na doutrina espírita. O que se tinha aliás para opor ao que acreditamos sobre o estado dos espíritos após a morte? Perguntem a um de nossos

adversários o que ele pensa da condição da alma na outra vida, da soma de bondade ou de maldade que ele espera deixando seu invólucro terrestre; ele responderá infalivelmente, como ele tivesse respondido nessa época: *Eu não sei nada, eu não vi nada*. Eis aí os cegos que negam as côres, os ignorantes que declaram impossível a solução de um problema! O direito de uma questão que interessa tanto diretamente a humanidade inteira, eu gostaria mais, de minha parte, aceitar mesmo um erro grosseiro que estagnar em uma indiferença também absoluta.

Aqueles que quiseram ver no Espiritismo um inimigo, compreenderam então que era preciso levar isso em conta, que não seria definitivamente na França um capricho de um momento, relegado a um canto com as mesas girantes, do qual os verdadeiros espíritas não se ocupam senão muito pouco hoje, porque eles têm coisa melhor a fazer, e que arrancar pela raiz os espíritos não seria coisa tão fácil como tinham acreditado no primeiro instante. Como lutar contra esse inimigo? Para atacá-lo na face, seria preciso controlar sua moral, demonstrá-la perigosa para a sociedade: foi o que se fez no princípio, embora um pouco timidamente; mas durante todos esses períodos de desenvolvimento do Espiritismo, tinha-se interrogado os espíritos, e os espíritos tinham falado. A profissão de fé de nossa filosofia aparecia claramente em todas as suas instruções, resumida em três palavras: *Amor, Caridade, Dedicção*.

As acusações caíram por si mesmas, quando, em todos os círculos espíritas ao mesmo tempo, apareceram uma multidão de comunicações assinadas por São Luiz, São Paulo, Santo Agostinho, etc., etc., cujo alcance moral não cede em nada aos mais sublimes ensinamentos do Evangelho. Desse ataque o Espiritismo saiu triunfante e mais poderoso como nunca. É preciso por isso agora buscar recursos em outras armas para abrir-lhe uma brecha. Entre os argumentos que se opõe hoje, os mais importantes são o perigo do Espiritismo para a razão e as tendências anti-religiosas dessa doutrina. O primeiro, nós o examinamos e discutimos num artigo precedente, nós nisso diremos, talvez ainda uma

palavra em passant; o segundo forma a parte principal do discurso do R. P. Letierce, que vamos examinar.

Em uma cidade como Metz, onde os espíritas, pelo menos convictos, - pois muitos entre eles não ousam confessar em público suas crenças, - são talvez menos numerosos que em outro local, onde a propaganda é completamente nula, os trabalhos dos adeptos se processam em reuniões praticamente íntimas, é bastante curioso ver nossos adversários, inquietos com o nosso progresso, e talvez assustados com o nosso silêncio, se encarregam eles mesmos de despertar o espírito público, e estimular a curiosidade por ataques sempre renovados. Foi assim que o P. Letierce, em seus sermões de 27, 28 e 29 de maio de 1863, pareceu se impor a tarefa de fazer um curso de Espiritismo; e, é preciso confessar, não é nada mal para nossa vantagem. Certamente ficaríamos bem felizes se ele apresentasse alguma vez para os espíritas chances como aquela; nossa tarefa aí seria singularmente diminuída, e veríamos em massa acorrer para nossa posição muitas pessoas que sua indiferença afastaria de nossas reuniões. Como com efeito o ministro da religião católica acreditou dever arrasar em seus Discursos injuriosos a doutrina que nós defendemos? Reconhecendo de maneira formal, sem dúvida sem que ele se dê conta, - o que é mais lisonjeiro para sua fé do que para sua habilidade, - a verdade dessa doutrina do ponto de vista da filosofia, da religião e da moral.

“Não há nada, diz ele, chocante para a razão, em admitir, com certo limite, a comunicação dos espíritos dos mortos com os vivos; essa comunicação é totalmente compatível com a natureza da alma humana, e se acharia bastante numerosos exemplos no Evangelho e na vida dos santos; mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores, que, inclinados à corrupção, não teríamos necessidade senão de uma mão de socorro para nos conduzir em direção ao bem, não é um sacrilégio, um insulto à justiça divina, ir pedir aos bons espíritos que Deus espalhou em torno de nós, conselhos e preceitos para nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia rogar ao Criador nos enviar



anjos guardiães para nos relembrar sem cessar a observação de suas leis, a caridade, o amor pelos semelhantes, e nos ensinar o que é preciso fazer, na medida de nossas forças, para chegar mais rapidamente possível ao grau de perfeição que eles mesmos alcançaram?

“O apelo que fazemos às almas dos justos, em nome de Deus, só é ouvido pelas almas dos maus, em nome de potências infernais. Sim, os espíritos se comunicam conosco, mas são os espíritos dos condenados; suas comunicações e seus preceitos são, é verdadeiro, tais como poderiam nos ditar os anjos mais puros; todos seus discursos emitem as mais sublimes virtudes, dos quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição ao qual podemos com dificuldade atingir nesta vida; mas isto é somente uma cilada para melhor nos atrair, um mel recobrando o veneno pelo qual o demônio quer matar nossa alma.

Com efeito, as almas dos mortos, diz sempre o P. Letierce, com Allan Kardec, são três classes, os que alcançaram o estado de puros espíritos, os que estão no caminho da perfeição, e as almas dos maus. Os primeiros, por sua própria natureza, não podem atender ao nosso apelo; seu estado de pureza lhe torna impossível toda comunicação com a do homem, envolvido em um envelope grosseiro; o que viriam elas fazer alhures na terra, para nos pregar exortações que não saberíamos compreender? Os segundos têm muito que trabalhar em seu aperfeiçoamento moral para poder perder tempo a conversar conosco; não são elas ainda que nos assistem em nossas reuniões. O que resta então para nós? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas pelo menos não se fazem rogar para vir; todas dispostas a se beneficiar com nosso erro e de nossa necessidade de instrução, elas se dirigem em multidão junto de nós para nos arrastar com elas no abismo onde mergulharam na justa punição de Deus.”

E eis aí a idéia que vós quereis nos inspirar da vergonha e do poder do Criador! E admitindo mesmo a evidência das penas eternas e do demônio, que nós provaremos impossível logo, semelhante raciocínio suportaria por um instante o exame? Se, como vós o dizeis, as almas dos maus vêm

em nosso apelo, é, de duas uma coisa, com ou sem a permissão de Deus. Esta última hipótese é compatível com a idéia da toda a potência divina? E a primeira pode aliar-se com a infinita bondade? Assim, Deus seria menos poderoso do que o demônio, ou permitiria a este trabalhar sem cessar de afastar nossa alma da via do bem e da virtude para mergulhá-la nas trevas da corrupção moral! Não contente de ter criado o homem com todas suas fraquezas, de ter ligado à sua natureza física uma multidão de paixões que tornam às vezes tão difícil a tarefa de aperfeiçoamento imposto à nossa alma, como o objetivo eterno de sua criação, Deus multiplicaria ainda intencionalmente as dificuldades dessa tarefa; ele nos deixaria cercado de seduções pérfidas do espírito do mal, sem permitir aos nossos anjos protetores de nos salvaguardar de sua benéfica influência, em nos mostrando o bem, sem poder nos obrigar todavia a fazê-lo.

É esse o ideal de clemência e de inesgotável bondade sem as quais não podemos conceber o Criador?

Nós observamos o homem como submetido a cada instante à dupla influência do bem e do mal, dos maus e dos bons espíritos, e livre para escolher entre essas duas influências, a certa de ser recompensada por uma felicidade próxima se ele obedece às primeiras, de expiar suas faltas por novas provas, se ele se deixa arrastar à ação funesta dos outros. Em lugar disso, que pretendeis vós?

Submetidos unicamente à influência dos espíritos do inferno, tanto mais perigosos que Deus lhe permitiria de se cobrir com as aparências da virtude, o homem está certo de sucumbir se a Providência não fizer um milagre para ele, lhe enviando o socorro da graça.

Assim, admitir que na balança divina o prato do mal é o único carregado, e que é preciso de tempo em tempo uma ação sobrenatural para contrabalançá-lo, vos parece mais lógico que ver um equilíbrio natural e permanente, perfeitamente em harmonia com o objetivo de nossa criação, que é a luta, nessa dupla ação dos bons e dos maus espíritos. E

de mais a mais, o livre arbítrio, digo eu, o que se torna com semelhante raciocínio? O homem sucumbe à influência do demônio; ele é culpado por isso, e é preciso puni-lo, já que nada o ajudava, lhe enfraquece, a lutar contra tão poderoso inimigo? O socorro da graça livra sua alma das garras do diabo; que mérito lhe se torna, já que a vontade de Deus que o salva, malgrado a ele, de suas paixões?

Assim, não podendo negar a presença constante dos espíritos em torno de nós, eis aí os raciocínios aos quais se reduziu para nos impedir de ter recorrido a seus conselhos. Toda a fraqueza física do sistema de ataque que se nos opõe não se trai ele mesmo desde o primeiro momento em tão pobres argumentos?

É preciso reconhecer entretanto, todos aqueles que fazem guerra à nova doutrina, entre os membros do clero, não são tão apressados em colocar na conta do demônio todas as comunicações espíritas, a lançar os altos gritos declarando que a fé, a moral, a religião, a razão, a sociedade, são ameaçadas de ruir logo sob os golpes dessa infernal filosofia, se ela não sucumbe por si mesma à cruzada permanente dirigida contra ela. Escutemos a esse respeito algumas linhas de abade Marouseau, em uma carta ao Sr. Allan Kardec, em 20 de setembro de 1861.

“Se o materialismo que transborda de todas as partes lançou o pavor em vossa alma e vos leva a pesquisar um remédio soberano aos males que minam surdamente a sociedade; se o amor de Deus e das almas vos inflama, fulminaríeis essa filosofia bastarda que não sorri senão ao nada. Mostrai ao homem que ele é imortal. Nada pode melhor vos secundar nessa nobre tarefa que a constatação dos espíritos de além-túmulo e sua manifestação. Fatos dessa natureza bem estabelecidos, expostos ao público, e podendo sofrer o controle de todos, são o túmulo do panteísmo e do materialismo. Mas, limitai-vos aí, Senhor, não usurpais sobre o domínio da revelação, vossa missão é bastante bela. Por aí somente vós vireis em ajuda à religião, combatendo por seu lado, os combates do Senhor.”

Eis aí o que escreve um padre, adversário jurado do Espiritismo, em uma carta onde ele procura combatê-lo. Semelhantes confissões são preciosas na boca de nossos adversários; eles dispensariam por necessidade a filosofia espírita de toda outra prova de validade.

Assim, segundo o abade Marouseau, não é o demônio que nos inspira; nós não ameaçamos a sociedade; ao contrário, as comunicações dos espíritos vêm consolidar as bases, derrotando o materialismo com fatos irrefutáveis. Eles temem somente que nós ultrapassemos o objetivo de nossa missão, querendo com isso combater bem longe ao lado do Senhor, nós não invadimos sobre o domínio da revelação, e por conseguinte sobre a infalibilidade dos dogmas católicos; mas do ponto de vista filosófico, ele reconhece a verdade de nossas crenças por uma confissão das mais completas; e, longe de proscrever o comércio com os mortos, de declará-lo uma invasão e um sacrilégio, ele nos roga somente para ficar nos limites de uma luta contra o materialismo, isto é, de nos limitar em constatar a existência dos espíritos. Mas, mesmo de acordo com essa confissão, nós o podemos em boa consciência? Um mineiro que descobriu um pepita de ouro, se limitará em provar a existência para convencer os incrédulos, e proibirá os mesmos de explorá-la, sob o pretexto de que ele pode alimentar assim àqueles que já exploram uma outra mina ao lado dele? Os preceitos do Evangelho são por toda parte de uma pureza admirável, nós o sabemos; mas as comunicações dos espíritos não cedem em nada a esses preceitos, e quando os dois ensinamentos concordam sempre de uma maneira também perfeita, não é isso ao contrário o dever de um bom católico de perseguir o segundo, que está ao alcance de todas as inteligências e que toca em primeiro instante mesmo o espírito dos mais incrédulos, se impondo àqueles carimbo de incontestável verdade? O Espiritismo pode ser um aliado poderoso da Igreja católica, o abade Marouseau o declarou, e quase todos nossos adversários com ele. Mesmo o padre Letierce, não podendo negar fatos constatados pela notoriedade pública, quis reconhecer que uma multidão de conversações religiosas foram operadas pelo estudo da

doutrina espírita. É impossível que seja de outra maneira. Qual é o incrédulo, qual é o ateu, qual é o materialista, que negará a existência de Deus e a sobrevivência da alma ao corpo, em presença de semelhantes manifestações da potência divina, das provas tão nítidas e tão irrefutáveis da imortalidade da alma?

Como reconheceu em um momento a realidade das manifestações dos espíritos, o P. Letierce reconhece agora que essas manifestações podem operar conversões católicas, e, em todo caso, lançar pelo menos a dúvida na alma dos mais endurecidos; somente essa confissão lhe pesa, ele vai tentar virá-la contra nós. Essas conversões, é o demônio que as operou, isso não é senão uma cilada hábil para melhor nos seduzir; essa luta contra o materialismo, é mesmo Satanás que a empreendeu; ele se alia aos crentes contra aqueles que não crêem, para envolvê-los em uma mesma ruína. Também entendamos que o pregador exclama com um pavor religioso bem natural: “Ponde-vos em guarda, católicos a essas seduções do espírito do inferno, desafiái essas concessões que parece fazer à vossa fé religiosa; tomái Deus com fervor de vos livrar de semelhante aliado.”

Tudo nos mostrando o reconhecimento da solicitude desse bom padre para a salvação de nossa alma, que nos seja permitido pelo menos de não partilhar de seus pavores. Nós mostramos, em um momento, quanto a idéia do demônio sempre encarniçado em nos perseguir é pouco compatível com a bondade divina; mas ainda é uma coisa a observar, é que, mesmo com a permissão de Deus, ele agiria sem dúvida de outra forma para nos perder. Por minha parte, o dia em que eu acreditar no Diabo, eu gostarei de acreditá-lo inteligente. E bem! acreditai que agindo assim, ele não faria pouca prova. Há dez anos e mais que o Diabo pregue, ele não pregou ainda senão piedade, caridade abnegação: singular maneira de nos corromper! Se isso é uma armadilha para melhor nos atrair, então sou eu que sinto falta de penetração, pois eu não vejo muito bem onde ele nos quer conduzir assim. Estranha rota que é a rota da virtude, para criar vítimas do demônio! Que bela idéia vós faríeis de um

general que ajudasse sucessivamente a desertar para o inimigo todos seus soldados, para melhor levar em seguida à vitória? Que lhe restaria no dia da batalha? O demônio é poderoso, isso é verdade; mas a humanidade também é forte, quando ela tem para lutar contra sua influência todas as virtudes que nós acabamos de falar. Que se diga de nós tudo o que se quiser; mas eu creio que tanto que o Diabo falar assim, nós o escutaremos sem desconfiança, persuadidos de que tais ensinamentos, vindo não importa de onde, valem melhor do que teríamos podido nos dar de seu vivo número considerável de santos em grande honra entre certos pregadores católicos.

Que não nos venha falar de heresia, de perigo para a fé cristã nos estudos espíritas! Que digo eu, heresia? Não tenha eu ouvido o ministro da religião exclamar na tribuna com uma santa indignação: “ Não se trata somente de heresia, meus irmãos; o herético se insurge contra alguns dogmas da Igreja, mas ele reconhece a maior parte; o espírita, ele, quer derrubar, dogmas, preceitos, moral.”

Mas como explicar esse anátema, como conciliá-lo com o que vós dizíeis em um momento do ensinamento dos espíritos, que vós declararíeis sublime, e dos quais vós somente suspeitais da fonte? Tudo isso, é preciso confessar, não brilha por um excesso de lógica; mas o que é essa contradição ao lado da conclusão de vosso terceiro e último discurso: “Os espíritas melhor a fazer, dizeis vós, eles serão menos poderosos do que a religião, menos poderosos do que a Igreja; e sentindo que eles não poderão viver sem ela, se apressarão em reconhecer a doutrina da Igreja católica, seus dogmas, sua moral, sua liturgia?”

Estão aí, aproximadamente, vossos termos. Mas, meu padre, eu vos rogo, se nós reconhecêssemos tudo isso, o que precisa de que mais é preciso para ser bons católicos? Por que nos lançar um impiedoso anátema e nos excluir sem apelo do seio da Igreja? O Espiritismo e o Catolicismo não podem de modo nenhum coexistir, dissestes a todo momento; o Espiritismo não pode existir sem o Catolicismo, dizeis vós agora; para que

essas duas assertivas fossem verdadeiras ao mesmo tempo, seria preciso que o Espiritismo não existisse de todo, que o espírita fosse um ser apócrifo, mitológico; e decerto nós temos a pretensão de existir realmente; e vós mesmos, lançaríeis assim vossa indignação contra fantasmas? Que se examine friamente comigo o valor de semelhantes ataques, e que se pergunte se eu não tinha razão de dizer mais alto: “É bem infeliz para nós que não haja mais frequentemente em Metz sermões anti-espíritas”; aí ganharíamos mais que por todas as demonstrações que poderíamos dar da verdade de nossa doutrina.

Do ponto de vista religioso, somos censurados em duas coisas, além de nossa afinidade com o demônio, é a tolerância com a qual admitimos à felicidade, após a morte, os homens de todas as religiões, e a negação das penas eternas, que é uma das bases fundamentais do Espiritismo. Eu digo: “somos censurados, “ embora eu não tenha outra tarefa aqui senão de refutar o discurso do Padre Letierce; é que malgrado meu ponto de vista, analisando, eu analiso também, por isso mesmo, vários outros sermões do mesmo gênero do qual isto não é senão a reprodução, e, entre, outras, uma brochura do R. P. Nampon, também da companhia de Jesus, onde o pregador de quem nós nos ocupamos aqui tirou, não somente idéias, mas copiou expressões, frases, senão que sendo pouco variados em seus meios de ataques, nossos adversários amam melhor se servir, revendo, corrigindo, e aumentando algumas vezes, do que foi dito antes deles, que procurar tirar, seja nas comunicações dos espíritos, seja nas publicações espíritas que se fazem a cada dia, nos argumentos contra nós que eles não saberiam encontrar. Era útil advertir o leitor uma vez por todas, a fim de que ele não se espante, se a brochura do P. Nampon lhe caia entre as mãos, de tão chocantes analogias. Isso me recorda uma palavra de um espírita de meu conhecimento: como eu fazia observar, saindo de um sermão, a similitude que há entre todos esses ataques, eu lhe dizia: “Eles se copiam então todos; eles terminarão por transmitir seus discursos de pai a filhos, para repetir sempre os mesmos. - Dizeis que eles se transmitem de pai em pai,” respondeu ele.

Voltemos ao P. Letierce. Um das censuras mais sérias que ele nos dirige, é de não condenar de uma vez para a eternidade todos os homens não pertencentes à religião católica: “*Fora da Igreja, não há salvação,*” diz ele: eis aí a palavra do mestre que vós quereis pôr em dúvida; para vós, não haverá nenhuma distinção religiosa na partilha dos bens ou dos males na outra vida; desde que seja bom e justo, vós permitis ao homem a prática de todas as religiões. Mas é vossa ruína e a nossa que vós pedis aí! Semelhante teoria destrói necessariamente pela base o Catolicismo e a sociedade inteira, que não pode viver sem ele.”

Não discutindo convosco a questão de saber se o Catolicismo é necessário ou não à manutenção da sociedade, eu não procurarei, entretanto, de nenhuma forma negar o crime do qual vós me acusais. Sim, eu admito à felicidade eterna todos os justos, em qualquer religião a que eles pertençam; qual é o homem de bom senso no século dezenove que ousará nos fazer um reproche dessa tolerância, que virá nos forçar a crer que , quando não se é católico, as fogueiras da inquisição são necessárias para nos forçar a operar malgrado a nossa vontade a salvação de nossa alma?

Compreendeis vós somente a palavra do Mestre do qual vindes aqui desnaturar a acepção? Não, pois não pôde aí dar o sentido que vós lhe prestais, e, felizmente para a sociedade, poucos católicos hoje têm a vossa opinião. Por essas palavras: *Fora da Igreja, não há salvação*, a Igreja quer dizer que não há salvação para o católico senão na observação dos preceitos do Evangelho, que lhe prescreve a caridade, o amor de Deus e aos semelhantes; mas ela não pode condenar o membro de uma outra religião que observa constantemente seus preceitos, mesmo sem conhecê-los; e se é desse ponto de vista, isto é, do ponto de vista moral, que se aprecia sobretudo o Evangelho, quem ousará taxar de heresia o ensinamento dos Espíritos?



Cheguemos enfim ao exame da objeção mais séria, a única pelo menos que possa ser considerada como séria, contra o Espiritismo; eu quero falar do dogma da eternidade das penas.

Essa questão, nós a discutiremos com mais prazer do que as outras, porque ela interessa, não somente ao Espiritismo, mas a todas as religiões, mas à humanidade inteira. “Quando mesmo, diz sempre o Padre Letierce, após ter dirigido contra a moral espírita os ataques que nós veremos no momento, quando mesmo que essa moral fosse perfeita aliás, ela não poderia ser aceitável, já que lhe faltaria a condição indispensável, uma sanção. Admitai, por um momento, que ela esteja em tudo conforme a do Evangelho; ela não tem fruto, sem ação sobre as almas, e inimiga de nosso aperfeiçoamento. O que é uma moral, com efeito, ao lado da qual não há castigo para aqueles que não a observam? Os espíritas querem eliminar o inferno, meus irmãos; toda vossa fé católica não se subleva de indignação a essa idéia?”

Após ter suplicado ao reverendo padre para se acalmar um pouco, e não ir pelo menos até me fazer apedrejar saindo da Igreja, porque eu não creio no inferno, que ele me permita lhe responder. É verdadeiro, em princípio, como vós pretendeis, que a moral espírita não tenha sanção, isto é, que a observação das leis divinas não seja recompensada, que o desprezo dessas não seja punido? Não, isso não é verdadeiro; ou bem o pregador não estudou o bastante o Espiritismo para poder julgá-lo sensatamente; ou bem o que nós chamamos sanção moral não lhe parece como tal. O espírito, criado por Deus com um vago pressentimento, a princípio, da felicidade que lhe é reservada, tem necessidade, para se aperfeiçoar e para merecer essa felicidade, de passar por uma série de provas que podem ser de natureza diferente, mas que tendem todas ao mesmo objetivo; essas provas são mais ou menos longas, mais ou menos difíceis de suportar; ele as sofre em um certo número de existências sucessivas, em cada uma das quais ele progride moralmente, mais ou menos segundo suas obras; seja o que for que ele faça, é preciso que seu espírito termine por se depurar no forno

do sofrimento e do infortúnio; é preciso que ele se torne bom, tem que passar por isso o corpo dos piores celerados.

Quando e como chegará ele a esse aperfeiçoamento e a essa felicidade? Eis aí o que faz a diferença entre os homens. "Não é senão uma questão de velocidade," exclama espiritualmente o P. Letierce; e todo feliz de ter encontrado uma palavra, ele que, em seus três sermões, não tem frequentemente a felicidade de achar uma idéia, ele se apóia fortemente nessa expressão, aí voltando várias vezes com complacência.

Vós vos enganais, não é uma questão de velocidade. Um viajante chega a um país desconhecido, na entrada de uma rodovia que deve conduzi-lo a um local delicioso; ao fim de alguns passos essa estrada se divide em duas outras: diante de si ele percebe um caminho um pouco árido por intervalos, e cheio de obstáculos que lhe é possível transpor, mas que se mostra um percurso bastante penos; à esquerda é um caminho liso, fácil, ladeado de flores, de aspecto alegre, sem a menor aspereza, pelo menos em todo o horizonte que ele pode abranger com o olhar. Somente os viajantes que percorreram esses caminhos antes dele regressaram, e deixaram na entrada uma porção de inscrições que o advertem que o primeiro, mais rude no começo, é bem mais curto e mais rápido na realidade; que se o segundo o seduz logo no princípio, ele lhe apresentará em seguida obstáculos bem mais numerosos e bem mais difíceis que o outro. Entre os viajantes inexperientes, como aquele do qual falamos, uns seguirão imediatamente o primeiro caminho, e chegarão rapidamente ao objetivo após alguns esforços; aí, eles serão felizes por ter obedecido à voz da sabedoria, e, a seu turno, virão estender a mão àqueles que chegam depois deles e para os advertir dos perigos que os aguardam, se eles se deixarem cegar por vãs aparências. Outros, e são infelizmente os mais numerosos, assustados com os primeiros obstáculos a transpor, seguem o caminho pérfido do qual admiram as belezas, se felicitam um momento de sua escolha, e riem da ingenuidade daqueles que entraram pelo outro lado; mas seu erro não está longe; ele encontram logo um porção de peregrinos que lhes gritam:

Parem! Infelizes, vós tomais o mau caminho; voltaí atrás, ainda é tempo. Então, ou eles mudam a direção, após alguns avisos desse gênero, e têm um leve atraso; ou, fazem pouco caso desses avisos, prosseguem sua rota com indiferença. Tanto mal para esses últimos; cruéis decepções os aguardam. Quando tiverem percorrido uma etapa, olharão para trás e perceberão que um abismo se abriu atrás deles; eles não podem mais voltar; é preciso que percorram, para chegar ao objetivo, uma série de outras etapas tanto mais longas e mais difíceis quanto eles tiverem persistido mais tempo em seu extravio. Todos chegarão, entretanto: Os mais endurecidos terminam por reconhecer o quanto era funesto seu erro, por aceitar mesmo com alegria as dificuldades que é preciso vencer para repará-lo, e encontrar no final os seus irmãos em gozo, desde há muito tempo, dessa felicidade que eles penosamente alcançaram.

Eis aí a imagem da vida espírita. Deus, criando o espírito com seu livre arbítrio, o criou ignorante do caminho que ele deve seguir; mas ele tem para se guiar os conselhos daqueles que seguiram a via do bem, e daqueles que, tendo preferido primeiro as sendas floridas do vício, se ferem em seguida com os espinhos do caminho. Ele pode escolher; ele sabe que a felicidade o aguarda. De um lado, ele não está separado dessa felicidade senão por um curto espaço; de outro, ele não percebe que em um longínquo indefinido, através de obstáculos que deveriam assustá-lo tanto mais por serem por ele desconhecidos; sua escolha somente decide entre os dois. Não é uma sanção moral suficiente? A curta duração e o pequeno número de provas não são uma recompensa para o homem de bem que alcança prontamente o fim de sua viagem, ao passo que o mau levará milhares de anos sofrendo a pena de seu extravio primitivo?

Em lugar disso, vejamos o que vós pretendeis, em que vossas crenças são diferentes das nossas; é certo o ponto somente que a doutrina espírita está realmente em contradição com as opiniões admitidas por um certo número de católicos: eu digo um certo número, porque isso não é mais questão de controvérsia hoje, mesmo entre os católicos mais convictos.

Como nós, vós admitis a dupla alternativa do bem e do mal, deixado ao homem em sua chegada a esse mundo, e a ação de seu livre arbítrio, que comprometeis muito fortemente todavia pelas influências das quais falamos precedentemente; mas, ao passo que nós lhe deixamos a possibilidade de conquistar essa felicidade pelo arrependimento e a reparação, quando ele está pelo menos afastado por um longo tempo por suas faltas, vós fechais sobre ele sem retorno as portas da salvação, após um curto estágio na terra, condenando-o a torturas eternas. Essa questão das penas do inferno, sobre as quais tão poucos católicos estão hoje em oposição conosco, examinemo-la pelo duplo ponto de vista filosófico e religioso; vejamos como ela se concilia com a lógica primeiro, e em seguida com a idéia que nós fazemos dos atributos de Deus.

Deixando de lado por um instante, e, observai bem, por um instante somente, a religião, interroguemos a nossa razão e perguntemos-lhe: Os castigos eternos são justos? Ela nos responderá sem hesitar: Não. E por quê? As razões principais são: a desigual proporção da pena com os crimes, a enorme diferença de condições morais nas quais o homem pode se achar colocado, a impossibilidade para alguns de fazer uso de seu livre arbítrio. A primeira dessas razões seria suficiente para ela somente se fazer rejeitar, a priori, toda idéia do inferno, e mesmo a Igreja a compreendeu bem, que ela imaginou o purgatório como último meio de salvação para o pecador, sabendo quanto seria difícil à razão humana admitir essa condenação sem apelação, pronunciada contra o homem no momento de sua morte. Somente, que é o limite que separa nitidamente o inferno do purgatório; para que gênero de faltas se é digno de uma em vez da outra? Eu abro meu pequeno catecismo para uso de um jovem cristão, e aí eu leio isso: “O pecado mortal é uma violação da lei de Deus em perfeito consentimento:” e depois ainda isto: “Um único pecado mortal nos faz perder a graça de Deus e nos torna dignos do inferno.”

Vejamos as conseqüências desse dogma: “uma única falta contra a lei de divina nos priva de todo perdão, se nós não temos a firme vontade, ou o tempo de nos arrepender. Assim, imaginemos um homem justo, tendo

preenchido toda sua vida de uma maneira exemplar todos os deveres em relação a Deus e a seu próximo; no momento da morte, esse homem viola um dos Mandamentos de Deus, por exemplo que proíbe lançar sobre os bens do próximo um olhar de inveja; ele não tem tempo de receber a absolvição desse pecado, e eis aí mergulhado sem retorno nas chamas eternas. Esse homem é um infeliz, destituído de todos os bens da sorte, pai de numerosas crianças que sua morte vai deixar em plena miséria; ele viu em toda sua vida sua família sofrer torturas da fome; e porque ele deseja por um instante as riquezas que outros desfrutam às mancheias em torno dele, e da qual uma parte tão pequena asseguraria a felicidade dos seus, ele vai perder o fruto de toda uma existência de devotamento, de resignação cristã, de obediência absoluta a todos os preceitos de Deus e da Igreja! Que digo eu? Ele vai ser confundido no inferno com o mais infame dos celerados. Eu vos pergunto, isso é clemência, é somente da justiça?

Mas, guardai-vos, partidários impiedosos desse dogma, vós vos condenais talvez a vós mesmos admitindo isso. Eu acho com efeito, sempre em meu catecismo, essa palavra : “Atribuindo a Deus alguma imperfeição, ou lhe negando alguma perfeição, peca-se contra o segundo Mandamento; “ e não destruí a perfeição divina, tirando do Criador seus mais belos atributos?

Vós me acuseis talvez de ter citado um caso extremo; mas embora eu tenha meu direito de escolher, já que eu não faço senão aplicar rigorosamente vossa doutrina, irei mais longe: um homem cometeu pecados toda sua vida, e morreu na impenitência, nós podemos admitir ainda para ele um castigo na eternidade. De que ordem são as faltas das quais o homem pode se tornar culpado nesse mundo? Elas têm relação com sua natureza, isto é, essencialmente finitas, e como duração e como grandeza; e vós quereis que a um ser finito, cujas ações boas ou más têm caráter finito, Deus inflija penas infinitas! O limite que existe necessariamente na falta, vós quereis que ela não exista no castigo! Eu bem sei o que vós ireis responder:

“Deus é infinito, direis vós, se o homem não é; e as faltas que nós cometemos contra ele participam por isso mesmo dessa natureza.”

Forma singular da verdade, demonstrar alguma coisa, e eu desafio o mais hábil sofista a encontrar algo melhor! Que diríeis vós de um soberano que punisse de morte a menor desobediência a suas leis, cometida pelo mais ignorante e mais ínfimo de seus súditos, porque isso seria um insulto à sua Majestade real? De um gigante que matasse uma criança por lhe ter tocado o cotovelo? De um leão que esmagasse uma formiga por ter jogado alguns grãos de areia em sua passagem? Não pensaríeis que o castigo deveria ser antes conforme a importância da falta e do culpado do que a do juiz? E a clemência que vós achais tão natural em um homem, em um animal, vós a recusais a Deus, sendo-vos agradável reconhecer em tudo que sua bondade deve pelo menos igualar-se ao seu poder!

Eu vou mais longe ainda; quando mesmo a idéia do inferno, aplicada como vós a entendeis, não estaria em contradição flagrante com a misericórdia divina, eu sustento que ela seria inconciliável com sua justiça. O que é preciso com efeito, para que o mesmo castigo puna com justiça as mesmas faltas, cometidas por indivíduos diferentes? É preciso evidentemente que esses indivíduos sejam colocados em condições análogas, isto é, que o bem seja para todos tão fácil de se fazer, quanto a falta fácil de se evitar. Ora, sois vós mesmos que eu faço julgar a questão, nada é mais oposto que isso o que se passa na terra?

Para dois homens quaisquer, tomados ao acaso a sua chegada nesse mundo, com condições sempre muito diferentes, frequentemente mesmo opostas; as diferenças contêm duas classes de causas: as causas internas e as causas externas. Consideremos primeiro as primeiras. Há crianças que nascem com bons instintos, que não fazem o mal quando a ocasião a isso os empurra, para que a obediência aos preceitos de seus pais ou de seus mestres é coisa fácil. Outras, ao contrário, trazem inato nelas o instinto do mal; fazendo uma má ação, elas estão por assim dizer

em seu elemento. Essas tendências diversas, o Espiritismo pode muito nitidamente explicá-las; mas limitemo-nos aqui a constatar o fato, bem certo que ninguém contestará. Suponhamos que essas duas crianças, de natureza tão oposta, recebem uma educação semelhante, que se empregue para preservá-las das seduções do vício exatamente as mesmas precauções; chegadas à idade da adolescência, no momento em que elas são capazes de discernir por si mesmas o que a consciência permite e o que ela repele, estarão elas na mesma situação para escolher? Terão elas as mesmas chances de se salvar ou de se perder? Evidentemente não! Será preciso à segunda muito mais esforços que à primeira para manter-se no caminho do bem, e terá por consequência tanto mais mérito se aí se manter. E vós quereis que a lei seja idêntica para as duas, que mesmo essas penas eternas lhes sejam reservadas a uma e à outra, se elas sucumbem às tentações do mal. Mas uma delas terá o direito de blasfemar contra a divindade, e de exclamar: Por que Deus não me criou também com bons instintos? Teria sido fácil me deixar guiar por eles.

As causas externas são ainda mais gerais e mais impressionantes, e todo o mundo pode facilmente se dar conta; elas estão no meio no qual a criança vive ou cresce, no grau de moralidade de seus pais, às diferenças de sua educação, de sua sorte, etc. Essas causas agem tão poderosamente sobre ela, e lhe é impossível de se subtrair à sua influência de cada instante, que seu caráter, na idade da razão, depende unicamente disso; aqueles pelos quais ela não é modificada senão mais ou menos profundamente por essa mesma influência formam raras exceções. O homem é responsável por essas influências? Ele é livre de vir ao mundo entre os antropófagos ou entre povos civilizados; entre celerados ou gentes virtuosas; com pais de uma conduta exemplar ou de uma moralidade duvidosa; receber uma educação sadia e fortificante, ou ser abandonado desde a idade mais tenra às funestas seduções do roubo, da mentira, da libertinagem? E, eu repito, a lei é a mesma, inexorável para todos; ela bate sem piedade, tanto bem ao infeliz que jamais

conheceu outra coisa senão o mal, quanto aquele que se elevou no respeito de todas as prescrições divinas e humanas. E eis aí o que vós chamais um julgamento equitativo! Mas a justiça dos homens, tão imperfeita, entretanto, ao lado da justiça divina, satisfaria mil vezes melhor a razão e o bom senso. Ide escutar somente a leitura de alguns julgamentos em uma corte de um tribunal, e vós vereis quanto, para as mesmas faltas, a pena está longe de ser igual para todos; que conta tem a consciência dos magistrados de todas as influências das quais eu já falei, que, desculpando em parte o crime em uns, tornam os outros indignos de perdão e de piedade. A lei humana não toca todos, e, em todo caso, ela não toca igualmente; e é quando as legislações mais severas, os códigos mais draconianos vos apresentam exemplos parecidos, que vós quereis tirar ao culpado diante da justiça divina o benefício das circunstâncias atenuantes! Pobre humanidade! Que tua sorte seria miserável se teorias parecidas pudessem ser aceitas, se com todas tuas fraquezas, tuas imperfeições, as exigências de toda natureza às quais tu és submetida durante tua curta jornada nessa vida, tu não tinhas diante de ti outra perspectiva senão queimar em seguida nas chamas eternas, ser condenada a torturas das quais a única idéia revolta todas as faculdades, tão bem o sentimento e a razão!

E aqueles que não pertencem à religião católica, para quem o pecado original é uma mancha indelével, quando nascem em países onde um missionário cristão jamais penetrou, são eles também responsáveis por seu nascimento? Aqueles, vós concordareis comigo que não lhes é somente difícil, mas impossível de se subtrair a vosso julgamento; vós os condenais à tortura um nascido cego, para puni-lo por não saber distinguir as cores.

Para aqueles que nascem entre povos católicos com o pecado original, os judeus por exemplo, há pelo menos uma tábua de salvação até a sua morte, que é o batismo. Ora, o batismo eficaz – é sempre o catecismo que fala – não somente para o pecado original, mas todos os que se cometeu antes de receber a água benta. Segue daí que de dois homens,



um herético que se faz batizar no momento de morrer, o outro bom católico que, tendo recebido a absolvição, pôde se tornar culpado em seguida de um pecado mortal, porque ele comete a insigne maldade de não morrer senão duas horas após, o primeiro vai direto para o paraíso, ao passo que o segundo está infalivelmente presa do demônio. É aqui que eu posso vos dizer com razão que é uma questão de celeridade, com a diferença somente que é preciso se guardar de chegar primeiro. Mas se fosse assim, nenhum católico ousaria receber os últimos sacramentos, tanto que ele deveria temer de não ter bastante pressa de sua hora suprema; quantas vezes então chegaríeis vós muito tarde; quantas almas seriam condenadas por perder assim o benefício do perdão da Igreja! Tudo isso não é ainda senão uma conseqüência matemática de vossa maneira de entender a justiça divina.

Eu falei enfim de uma última classe de indivíduos, os que não podem mesmo exercer na terra seu livre arbítrio, seja porque morrem ainda no berço, seja por exemplo, porque eles permanecem toda sua vida em um estado de idiotia que os torna incapazes de discernir o bem do mal.

As crianças que morrem antes de ter recebido o batismo, a Igreja diz que elas vão para os limbos: Mas o que são os limbos? É o que o meu catecismo e o cura de minha paróquia não puderam jamais me explicar. E a criança que morre na idade de amamentação, e idiota, para onde elas vão? Para o paraíso? Mas que bem fizeram para isso? Para o inferno? Onde estão os seus crimes?

Quanto a doutrina espírita é mais conforme à justiça e à razão, ela que admite para todos os homens provas proporcionais às suas forças e as quais não podem se subtrair mesmo pela morte, pois que eles continuam em uma outra existência, se ela não são suficientes para seu aperfeiçoamento, se eles não tiveram toda a soma de progresso que devia ter, ou se tentaram fazer cessar por uma morte voluntária! Quanto ao mesmo tempo ela é mais consoladora para nossa fé! Como ela nos

encoraja a fazer o bem, nos mostrando como recompensa em um porvir próximo a felicidade reservada aos puros espíritos!

A questão das penas eternas, que estava determinada negativamente quase para todo o mundo antes da propagação do Espiritismo, não tinha, entretanto, recebido uma solução completa, no sentido de que rejeitando-a não se tinha nenhuma idéia exata do estado da alma após a morte. Bendigamos então o dia em que para mostrar ao homem a verdadeira luz, Deus deu a seus anjos a missão de lhe fazer um quadro tão admirável de precisão e da nitidez do que nós devemos ser na outra vida.

Essa solução, que o Espiritismo tornou tão acessível a todos, outros o tinham pressentido antes de nós, e isso devia ser. Nós lemos em uma obra filosófica do Sr. André Pezzani, advogado na corte imperial, laureado no instituto, obra publicada em 1847, com o título: *Deus, o homem, a humanidade e seus progressos*, as linhas seguintes:

“De acordo com os antigos cosmógonos que ensinavam que os astros eram feitos para a terra, e que fora não havia mais senão que Deus e os anjos, puros espíritos, podia-se concluir que após a prova terrestre tudo é terminado para o mérito e a liberdade. Mas desde Copérnico e Galileu, desde que nós sabemos que existe um número infinito de mundos, não há uma singular estreiteza de vista querer limitar nossas provas ao mundo miserável e ínfimo da terra, que não é senão uma de nossas estações, que uma das fases de nossa existência imortal, e para nos recusar no porvir todo meio de reparação?”

Nessa passagem escrita bem antes que o Espiritismo tivesse falado da doutrina da reencarnação, não se acreditava ler algumas frases do *Livro dos Espíritos*? E o que de mais racional que essa idéia? O que de mais conforme, eu não diria somente à filosofia, mas à ciência?

Desde que o progresso da astronomia permitiu ter uma idéia mais exata das posições relativas e dos movimentos dos milhares de mundos que

nos rodeiam, uma nova luz jorrou. Todos esses mundos que o orgulho humano acreditava criados para nós, que se reconheceu que eles obedecem a leis análogas àquelas que regem a terra, tudo estando independente desta; que uns, pertencendo a nosso sistema planetário, gravitam em torno de um mesmo centro que é o sol; tais são Júpiter, Saturno, etc., e que cada estrela é sem dúvida o centro de um sistema talvez mais imenso que o nosso. A ciência se ocupou naturalmente, e é a questão que nos interessa mais, de saber se havia habitantes nos outros planetas; esse problema, ela não pôde resolver ainda, mas, coisa importante pelo menos, a possibilidade do fato foi reconhecida; certos planetas gozam quase da mesma constituição que nós, podem ser habitados por seres semelhantes aos homens, ao passo que para outros onde algumas leis físicas são diferentes, os órgãos dos seres animados são necessariamente mudados em razão mesmo de suas diferenças.

Que se venha nos dizer agora, como o disse o Padre Nampon, como o disse em púlpito o P. Letierce, que o Espiritismo baseia-se na esperança de seus progressos sobre a adulação das paixões humanas, e em particular do orgulho. Ele é, me parece, singularmente rebaixado, esse orgulho, à medida que o horizonte de nossas vistas cresce. O homem sabia que não era senão uma unidade na terra entre os milhões de unidades de mesma natureza, mas lhe agradava crer que a humanidade era a obra favorita, e por assim dizer única em seu gênero, do Criador; a ciência lhe ensina que a terra não é senão um ponto na imensidade dos mundos; o Espiritismo vem lhe dizer agora que a humanidade não é senão um átomo na imensidade dos seres criados. O que de mais humilhante para nosso orgulho, ao mesmo tempo de mais magnífico para o poder divino? O que surge nitidamente de tudo isso? A idéia de Deus, mais bela e mais brilhante do que nunca, de Deus resplandecente no meio de seus três maiores atributos: o infinito no poder, na justiça, na bondade. E após Deus, sua obra mais perfeita, aquela que ele criou à sua imagem, fazendo-a participar de sua natureza amorosa e inteligente, o espírito, ou a alma, como vos agradar chamar, o espírito que está em

toda parte, fogo divino que anima os corpos, intérprete e mensageiro das vontades de Deus que ele transmite aos diferentes mundos.

É menos estranho, após isso, ver o pregador nos acusar de sustentar o materialismo, contrariamente ao abade Marouseau que nos dá, ele, a missão de arrasá-lo. “A Trindade católica, diz o P. Letierce, é Deus, seu Filho e o Espírito-Santo; a Trindade de Allan Kardec, acrescenta ele, sempre após o P. Nampon, é Deus, os espíritos, a matéria! E os espíritas não ousam afirmar que a matéria tenha sido criada.” Eu não compreendo muito bem que sentido ele dá a essa Trindade, cuja invenção ele nos atribui; mas após o que nós acabamos de dizer, eu creio inútil responder a semelhante acusação; eu gosto mais de deixar ao leitor o cuidado de julgar se a idéia que nós aceitamos de Deus e de sua obra principal, a alma, pode se aliar por um instante com toda idéia de materialismo. Essa acusação, é preciso confessar, é resto da última à qual os espíritas já esperavam.

Mostramos suficientemente, eu creio, pelo que precede, quanto o dogma das penas eternas é incompatível com a razão; pode-se julgar, por isso mesmo, tudo o que tem de inaceitável do ponto de vista religioso, pois que se vê destruir, de uma maneira absoluta, o sentimento inato em nós da perfeição divina, sentimento sem o qual, não somente a religião católica, mas nenhuma religião é possível.

Digamos, en passant, se o P. Letierce acusa o Espiritismo, - *viu-se o valor dessa acusação*, - de lisonjear seus adeptos por uma sedução hábil, nós não lhe faremos o mesmo reproche relativamente a seus auditores. Ao fundo dos argumentos contra nossa doutrina, ele não achou nada de melhor, para inspirar aos católicos senão um profundo terror, como a exclamar: “Suponhamos que essa doutrina seja sublime, do ponto de vista da moral e da caridade; mas o inferno, meus irmãos, o que ocorre com semelhantes idéias? Não vedes de antemão tudo o que há de impressionante para vós a aceitar uma filosofia que se anuncia destruidora de vossos dogmas?”

Esse pavor que lhe inspira nossa maneira de julgar o estado da alma após a morte, eu duvido fortemente que se tenha comunicado muito ao mundo. Entre os católicos com efeito, a maior parte não tem necessidade do Espiritismo para não crer no inferno; os outros não teriam talvez se zangado ao rejeitar esse dogma sem o qual a Igreja é pelo menos tão forte, se eles pudessem substituir uma teoria mais consoladora, tudo estando mais conforme o sentimento religioso. A essa passagem do seu sermão, eu não pude me impedir de compará-lo a um orador que, querendo impedir com todas as forças de fazer alguma coisa, lhe diria: "Guardai-vos! Agindo assim vós eliminais as galeras!" E ainda, o que é o banho junto das torturas incríveis e eternas que nos promete o dogma revoltante do inferno?

Está aqui o momento, eu creio, de comparar um pouco as palavras, a acusação de perigo para a razão, que vós lançais ao Espiritismo com o que podemos bem, a título justo, devolver às idéias que vós inspirais sobre as penas eternas nos cérebros fracos e aos espíritos crédulos. Vós dizíeis, falando de certa passagem de nossa carta ao *Courrier de la Moselle*, citada no artigo precedente: "Acusam-se os sermões sobre o inferno de produzir o delírio religioso, e por conseguinte a demência; o que é isso junto do número de santos que engendraram. Para o que é de produzir santos, eu creio que os sermões sobre o inferno não tem quase nada mais freqüente conseguido que o temor do cadafalso a produzir candidatos ao prêmio Monthyon. Agora vós nos pedistes fatos; eis aqui: eu os escolho no entorno de nós, entre vários que se poderia citar.

Em uma obra sobre as doenças mentais, publicada pelo Sr. Morel, médico-chefe do asilo dos alienados de Maréville, encontra-se (t.I, p.167) a análise do estado de um jovem homem, antigo aluno do pequeno seminário de Metz, Sr. C., que o doutor achou deitado em sua cama com o braço direito horrivelmente queimado, por causa da imersão voluntária desse membro em uma caldeira de água fervente. Nosso melancólico religioso foi submetido a essa prova para experimentar previamente como ele suportaria as chamas do inferno que ele tinha merecido por

seus crimes imaginários.” Esse fato não tem definitivamente necessidade de comentários.

Eis aqui um segundo; ele se reporta a uma senhorita de Nancy, que eu me abstenho de nomear mas que vive ainda, eu creio, se meus registros são exatos. Ela tinha lido nos textos sagrados essa palavra: “*Se teu olho te escandaliza, arranca-o,*” e assustada com as conseqüências que sua desobediência poderia provocar para ela no outro mundo, preferindo o sofrimento e a infelicidade na terra às torturas que sua imaginação lhe apresentava no inferno, ela desejou melhor prender-se à letra a prescrição religiosa: ela arrancou os olhos, lastimável vítima de seu delírio. Eu ouvi o fato da boca de pessoas que conhecem essa senhorita, e que a viram em seguida no estado pavoroso em que ela se reduziu; a lembrança só lhe dá arrepio. Pode-se imaginar alguma coisa mais revoltante?

É inútil relembrar outros exemplos análogos; nosso objetivo não é fazer tremer de horror os que nos lerão; que se compare somente os fatos incontestáveis que nós produzimos com as afirmações de nossos adversários, para os quais eles se guardam bem de nos indicar meios de controle, aí compreendido os números do *Courrier de Lyon*, e as deduções do Sr. Burlet, que o P. Nampon gratifica magnificamente do título de *Doutor*, sem dúvida como recompensa; que se compare, digo eu, e se julgará.

Não há nada na doutrina espírita, em sua moral tão doce, tão fortificante para o coração, nada que possa levar a semelhantes excessos? São os partidários do dogma do inferno que vêm nos acusar de produzir a loucura, quando nós pregamos a resignação, a paciência nas provas terrestres, aguardando a felicidade futura, aí onde eles vêm lançar ainda o terror dos sofrimentos eternos no outro mundo, no meio de nossas dores e de nossos desgostos.

Mas não estão aí ainda todos os reproches que se pensam para nos desanimar; certamente a imaginação de nossos adversários é bem mais

criativa. Um dos que eles adotam mais facilmente, que nos lançam à face, a propósito, é o reproche de impiedade. Para este ainda, é bom mostrar ao leitor uma vez por todas o que ele vale, e destruir a impressão lamentável que a calúnia pode deixar no espírito de muita gente, pois sabe-se quanto a verdade tem com freqüência dificuldade para se defender contra ela. Eu ouvi o P. Letierce declarar de uma maneira formal que *os espíritas jamais oram*. Embora não seja o caso de se fazer aqui uma profissão de fé religiosa, que se me permita de lhe dizer que ele nunca esteve em minha casa de manhã ou à noite, se ele é curioso para ver um espírita fazer sua prece; mas a coisa é ainda mais fácil: se ele não receia cair, saindo, nas garras do diabo, do qual ele aparenta ter um singular medo, que ele experimentasse assistir a uma sessão de Espiritismo, não importa qual grupo na França, e ele veria se abrir essa sessão por uma prece análoga a esta no meio de recolhimento mais profundo: *“Meu Deus, nós vos suplicamos de nos enviar vossos anjos guardiães e vossos bons espíritos para nos afastar do mal, nos guiar no caminho do bem e da obediência a todos os vossos Mandamentos. Nós invocamos ao mesmo tempo vossa clemência para nossos irmãos infelizes nesse mundo, e os espíritos sofredores no outro.”* Ele veria que os espíritos pedem a cada instante preces que nós jamais deixamos de fazer, mentalmente pelo menos, sabendo bem que é tudo o que podemos lhes dar em troca de suas sublimes instruções. Se fórmulas parecidas lhes parecem blasfêmias, isso aí é o que se chama de impiedade, eu temo bem que nós não morreríamos todos na impenitência final, tanto que poucos de nós estaremos dispostos em corrigir.

Nada é mais apropriado ao contrário do que a doutrina espírita, pela idéia que ela nos dá da perfeição de Deus e da grandeza de sua obra, a tornar os espíritos na contemplação e na prece, e no reproche oposto, de nos desviarmos violentamente de nossos interesses materiais para nos atrair constantemente em direção da solução de questões metapsíquicas e de problemas religiosos e morais, o que lhe seria sem dúvida mais justamente direcionado.

Eu prometi passar em revista todas as acusações que o pregador lançou sucessivamente contra o Espiritismo; embora a lista seja um pouco longa, e que possa parecer ridículo refutar acusações que caem por si mesmas, citando-as somente, eu cumpriria a tarefa até o fim, pudesse eu falar de cor. Me vêm duas à mente nesse momento que, colocadas uma ao lado da outra, poderão não parecer ao leitor concordar perfeitamente em conjunto, mas que, digamos em louvor ao P. Letierce, ele as formulou a duas horas pelo menos de intervalo; a primeira é esta:

*“Os Espíritas exploram, por meio de sua doutrina, a credulidade dos ignorantes.”*

O P. Letierce, e antes dele o P. Nampon, não se dignaram de nos explicar em que objetivo, se é por ambição ou por cupidez. Haveria para responder a isso uma multidão de coisas, - e eu confesso que minha caneta tem muita dificuldade para se defender, - que poderiam bem não se agradarem praticamente com alguns de nossos adversários; mas, mais moderados que eles, porque nós sentimos a força de nosso bom direito, contentemo-nos em lhes perguntar, como nós fizemos mais alto, quantos espíritas deixam suas obras de riquezas ou de honras. Que façam eles mesmos relevá-lo, aqueles tão desligados dos bens desse mundo, e, com certeza, tanto faz para eles que sofrerão comparação.

Eis aqui agora a segunda: Em uma página que me deu uma idéia tão alta da eloquência do P. Nampon, que da memória do P. Letierce, eles reprocham um e o outro o Espiritismo de não ter “produzido notoriedade pública, resultados materiais importantes, tais como especulação feliz na Bolsa, escolha de um bilhete premiado na loteria, etc., etc.” Estão aí suas próprias expressões. Fui taxado de irreverência, eu declaro que foi preciso toda a santidade do lugar onde as palavras foram pronunciadas, para me impedir de desatar a rir ao ouvi-los. Reprochar uma doutrina puramente moral e filosófica de não ganhar dinheiro na Bolsa, cometer um crime à caridade de não enriquecer aqueles que a fazem, a São Vicente de Paulo de não ter desviado cinquenta mil francos de



rendimento de sua instituição sublime das Crianças Abandonadas, isso me parece ultrapassar todos os limites. Ou eles julgam o público bem ingênuo para lhe dar semelhantes razões, ou seria tentado às vezes em crer que o Espiritismo os perturba ao ponto de os enviar à casa do Sr. Burlet. Gostariam eles por acaso que a observação dos deveres católicos produzisse resultados parecidos? Imaginem, como eu, leitores, a alegria do P. Letierce, vendo um cristão exclamar, ao sair do confessionário: *“O Espírito divino me anima, vamos comprar trinta ações do crédito imobiliário;”* ou ainda um outro lhe dizer: *“Meu padre, faça que a graça desça sobre meu coração, a fim de que eu saiba o bilhete que é preciso pegar para ganhar na loteria.”* Acreditaria ele ter mérito de Deus e da religião?

Isso não é tudo; ao dizer de algumas pessoas, nós não ameaçamos somente a sociedade em um futuro mais ou menos longe, nós sabotamos desde agora as bases de todos os governos existentes. *“O Espiritismo é uma sociedade secreta.”* Essas palavras foram escritas na brochura que eu já citei. Assim o carbonarismo, as reuniões em salas escuras, com dois homens armados de punhais na porta, tudo isso não é nada junto a nós; vós o supuseram? Nós conspiramos! Eu aproveito aqui, com ardor, a ocasião de reiterar ao P. Letierce o convite que eu já lhe fiz de assistir, não importa onde, a uma sessão de Espiritismo; que ele leve com ele, se quiser, o P. Nampon – e eu posso lhe dizer, eles não serão os primeiros ministros da religião católica que o tenham feito, - eles nos dirão em seguida se algo em nossa casa lembra uma assembléia de conspiradores.

Na França, os espíritas conspiram; na América, eles fizeram mais ainda: *“são suas diabólicas elocubrações que fomentaram a guerra civil que assola nesse momento esse infeliz país (sic);”* Eles produziram por lá a crise do algodão, e eu vejo daqui o P. Nampon exclamar: *“Eu me explico agora os estragos do ódio, cuja aparição coincidiu um pouco próximo com a do Espiritismo.”* Que vos parece?

Não fiquem admirados, após, que um outro pregador tenha falado de nós traduzindo, não diante do juiz de paz, nem mesmo na polícia correjional, mas diante *dos tribunais*, porque somos celerados, falsários, que imitamos, ao ponto de nos confundirmos, em nossas comunicações, o estilo de homens ilustres do passado, Bossuet ou Santo Agostinho, por exemplo, e que roubamos em seguida seus nomes e suas assinaturas para colocá-los no rodapé. Mas, aí eu penso, para nós prosseguir como falsários em escritas privadas, é preciso, ou ainda que esse pregador faça comparar mesmo Santo Agostinho, ou ainda que lhe peça seu consentimento, e mais ainda uma procuração escrita para não formar um delito, e como obterá um desses dois resultados sem se dedicar a nossas práticas supersticiosas? Eu lhe indico en passant, esperando impedi-lo por aí de dar continuação a seus justos desejos de repressão; e eu dormirei bem mais tranqüilo a próxima noite. Ele pede a mais que se estabeleça um agente de polícia em serviço, - eu não acrescento nada, eu cito somente, - na porta de cada grupo espírita, para impedir de entrar os adeptos, e sobretudo sem dúvida os espíritos. Que pensais vós dessa nova idéia? Eu gosto muito, por minha parte, aqueles que me enviam os alienados, eles são menos impiedosos.

Eu volto ao P. Letierce. No meio de seu terceiro e último sermão, ele se prende, de uma só vez, a colocar em dúvida a existência do Espiritismo, pelo menos como filosofia bem definida. “Após tudo, exclama ele, o que é o Espiritismo? Onde está ele? Existe somente um tratado oficial, um *credo* dessa doutrina?” Eu poderia lhe responder: *Casa Ledoyen, Palais-Royal, preço líquido fr. 50, despesa de correio 4 fr.*; mas eu gosto mais de devolver ao P. Nampon com o qual ele está, dessa vez, em desacordo, e que diz em sua brochura, falando do *Livro dos Espíritos*: “*O Livro dos Espíritos, esse credo oficial dos espíritas, factum pesado, prolixo e entretanto obscuro.*” A crítica não tem nada de muito paternal, me convém; mas ao menos ele reconhece, ele, a existência do livro; isso já é alguma coisa.

Um só ponto do sermão me resta examinar. Embora a refutação seja fácil, parece ao menos um pouco mais sério que os precedentes; fico feliz pelo leitor. É a parte onde o pregador messias acusa a moral espírita de destruir todos os Mandamentos de Deus. Ele passou ligeiramente sobre a maior parte desses Mandamentos, sabendo muito bem quanto lhe seria difícil persuadir por exemplo a seus ouvintes que nós preconizamos o homicídio e o adultério; mas ele entendeu longamente sobre o que nossa doutrina atropela violentamente o quarto: *honrarás a teus pai e mãe*. Nós não falaremos então dos outros; mas nós lhe responderemos a propósito deste; e, eu não posso me impedir de lhe dizer, ele não foi feliz ao escolhê-lo. Eis aqui a acusação: *“O Espiritismo, por todas as idéias que ele preconiza, e sobretudo pela idéia da reencarnação, destrói todos os laços de família, o amor de um pai por seus filhos e dos filhos pelo seu pai, suprime o espírito de raça, a nobreza do sangue, e, que sei ainda, tudo o que sobressai enfim da comunidade de origem e que todas as religiões ensinam a venerar tão profundamente.”*

Eu estava muito pouco preparado, eu confesso, a essa acusação, que não me assustou, de forma nenhuma sacudiu minhas convicções, mas surpreendeu grandemente; eu me perguntei o que podia haver de verdadeiro aí dentro, pronto a fazer barato de todas as crenças que me agradasse doravante a admitir, se essas crenças não atacassem em nada a família, e eu gosto de pensar que a totalidade de espíritas tivessem fé como eu. Eu interroguei, como sempre, minha razão, minha consciência, esse sentimento moral que existe em todos os homens, e que, sem ser o guia da fé religiosa, é pelo menos o critério infalível de toda moral; eu procurei estudar mais profundamente a doutrina, para encontrar alguma coisa que pudesse justificar, ou somente explicar as palavras que eu tinha ouvido do púlpito, e eis aqui o que minha consciência, o que o estudo me respondeu: Nada é mais apropriado que a moral dos espíritos para desenvolver, para enraizar profundamente em nós o amor da família e os laços de sangue, sem prejuízo da afeição comum que nós devemos a

todos os membros da grande família humana. O que é, com efeito, nesse assunto, os ensinamento dos espíritos?

Eles nos dizem que não somente os pais são destinados por Deus a cercar os filhos de todos os recursos de sua terna solicitude, que não somente Deus lhes dá a missão de velar durante sua juventude sobre os seus passos cambaleantes, de os confirmar no caminho do bem durante sua adolescência, e de ajudá-los com conselhos de experiência na idade madura; mas que esses pais, mesmo após sua morte, continuam, e é freqüente ainda sua missão especial, em torno daqueles que eles amaram na terra, para lhes prodigar instruções, tanto mais proveitosas quanto elas forem impregnadas de superioridade que distingue a alma desligada da matéria, que ela gozasse já na terra de um certo grau de perfeição.

É assim que nós somos constantemente cercados, - a Igreja também admite essa idéia, - do que nós chamamos nossos anjos guardiães, isto é, espíritos daqueles que nós amávamos muito e que nos amavam nesse mundo. Tanto que Deus não os submete às provas de uma nova existência, é suficiente chamá-lo para que eles sejam felizes em vir conversar conosco. Se eles se ressentem ainda de um estado de inferioridade, eles nos pedem preces, tentando tudo para nos beneficiar coma as lições que tiraram de sua vida terrestre; se eles são mais adiantados, eles nos pregam uma moral sublime que, para se servir contra nós, nossos adversários não encontram senão um meio, que é de atribuir a uma sedução do demônio. E, eu vos pergunto, essa idéia que nossos pais velam por nós, não somente durante sua vida, mas após sua morte, que sua ternura, seus conselhos, suas preces nos sustentarão sempre em nossas provas; a esperança de uma mãe de poder conversar com seu filho que não está mais na terra, essa consoladora promessa que nossa alma, em nossa hora derradeira, será recebida no mundo dos espíritos pelas almas de todos seus pais e seus amigos, que já desvestiram seu envelope terrestre; esse quadro de união íntima das almas, além da nossa curta existência; tudo isso, digo eu, não deve nos

inspirar ao mais alto grau o respeito dos laços de família e da amizade? Oh! Digamos que os ensinamentos do Espiritismo são belos para não ser uma sedução partida do demônio, nós vos acusaremos somente de vos endurecer contra os benefícios da Providência, de negar a luz, de não crer na inesgotável bondade de Deus; não denigreis pelo menos a sua moral; se vós não credes nela de verdade, deveríeis pedir a Deus que ela o fosse. Por toda parte onde o Evangelho prega o amor, a caridade, a renúncia aos bens deste mundo, o Espiritismo fala tão alto que ele, e vós não estais em desacordo conosco que aí onde uma falsa interpretação dos textos sagrados ou de palavras do Mestre vos fizeram admitir esse dogma revoltante e monstruoso contra o qual se subleva todo nosso ser. E como, quando um homem me tomou por canalha, eu fui tentado, a princípio, de me informar se ele é honesto: O que fazeis vós às vezes desses laços de sangue que vós nos acusais de querer destruir?

Quando o pai, condenado por toda a eternidade, expia seus pecados pelos sofrimentos do Inferno, e que o filho, mais feliz ou melhor, merece por suas virtudes a felicidade do paraíso, vós quereis que ele goze em paz essa alegria suprema, ao passo que seu pai está presa das torturas que a imaginação pode conceber. Que digo eu, vós lhe recusais mesmo a única consolação, de rogar pelo autor de seus dias, a esperança que suas boas obras nesse mundo, e suas súplicas no outro, suavizarão um pouco o castigo. Eis como vós entendeis o amor filial, e eis aí a felicidade eterna que vós prometeis! Mas não vale melhor ainda o Inferno do que o Paraíso com tais restrições? E sim, nós o repetimos com força, com convicção, se nossas crenças são ilusões, deixai-nos estas, nós nisso somos felizes; elas valem melhor do que o que vós chamais hoje de verdades, exceto em reconhecer mais tarde a verdadeira natureza.

Eu o repito, todas as fibras da alma não se sublevam com semelhantes teorias?

Tal é a análise dos argumentos que alguns dos nossos adversários acharam contra nós, freqüentemente em seu ódio pela nova idéia, às

vezes talvez em sua fé religiosa, jamais em um exame aprofundado de nossas idéias, como se pôde julgar pelo que precede.

Qual é após tudo isso, a conclusão do P. Letierce?

Sabendo muito quanto seria difícil de achar, na conduta ou no grau de moralidade da maioria dos espíritas, uma confirmação de suas palavras, ele exclama, terminando: *“Me agrada reconhecer, meus irmãos, os espíritas valem melhor, muito melhor que sua doutrina.”* E ainda, minha fé, não é para esse cumprimento lisonjeiro. O que! Nós somos possuídos, conspiradores, charlatães, falsários, comunistas, - eu tinha esquecido essa censura, - e o Espiritismo vale menos que nós? Certamente é preciso que valha bem pouca coisa, e mesmo o diabo, o inventando, não acreditava talvez tão bem em fazer.

Conclusões de nossa parte. Nós temos mostrado suficientemente, eu creio, tudo o que há vago, exagerado, digamo-lo claramente, falso, em todos os reproches com os quais se acreditou nos abater. A cada novo ataque desse gênero, nós tentamos procurar conscientemente em todos os pontos de nossa doutrina o que pode aí dar motivo, e, cada vez, como hoje, nossas convicções saem mais firmes, porque elas são melhor esclarecidas pelas luzes da razão.

A verdade surgirá também um dia para nossos adversários, estamos bem convictos disso; esperemos que esse dia não esteja longe, e sejamos orgulhosos, aguardando, ser os primeiros apóstolos de um ensinamento tão sublime.

FIM

## ÍNDICE

Publicação na R.E. de setembro de 1863 (01 artigo) .....	04
Publicação na R.E. de setembro de 1863 (02 artigo) .....	05
Dedicatória de um espírita de Metz .....	08
Prefácio - Antonio Cesar Perri de Carvalho.....	09
Introdução .....	13
Loucura Espírita.....	15
Os Sermões do R. P. Letierce.....	25

## AVISO AO LEITOR

Às pessoas que gostariam de estudar mais seriamente a questão, vendo o pro e o contra, nós aconselharemos ler as brochuras *contra* o Espiritismo do Senhor abade J.- B. Marouseau, e do R. P. Nampon, indicadas no verso da capa, assim como o *Inferno* do Sr. Augusto Callet, interessante obra à qual o jornal *Le Siècle* consagrou uma longa coluna em seu número de 7 de novembro de 1862.

Nós indicamos também a nossos leitores a série de obras espíritas publicadas por diferentes Sociedades ou diversos médiuns, que contêm, seja a exposição filosófica da doutrina, seja considerações práticas, seja enfim uma parte das comunicações mais interessantes em prosa e em verso imprimidas até este dia.



## OBRAS DO SR. ALLAN KARDEC

### Sobre o Espiritismo

Essas obras são encontradas: em Paris, nos Senhores Didier e Cia., editores, 35, cais dos Agostinhos; Ledoyen, Galeria d'Orleans (-Royal); - no escritório da *Revista Espírita*, rua Santa Ana, 59 (passagem Santa Ana);- em Metz, em Sr. Linden, livraria, rua Perre-Hardie, 1.

#### **O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO.**

Exposição sumária do Ensino dos Espíritos e de suas manifestações. – Brochura grande in-18. Preço: 15 cent.; correio, 20 cent.

**O QUE É O ESPIRITISMO?** – Guia do observador novato nas manifestações dos Espíritos. – Terceira edição inteiramente revisada e consideravelmente aumentada. Grande in-18. Preço: 75 cent.; despesa de correio, 90 cent.

**O LIVRO DOS ESPÍRITOS (Filosofia Espiritualista).** – Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens; as leis morais; a vida presente; a vida futura e o porvir da humanidade, segundo o ensino dado pelos Espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns. – Nona edição. Grande in-18 de 500 páginas. Preço: 3 fr. 50 cent.; despesa de correio, 4 fr. Edição in-80 de 500 páginas, 6 fr.; despesa de correio, 6 fr.80 cent.

**O LIVRO DOS MÉDIUNS (Espiritismo experimental).** – Guia dos médiuns e dos evocadores; contendo o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações; os meios de comunicar com o mundo invisível e de desenvolver a faculdade mediúnica; as dificuldades e os perigos que se pode encontrar na prática do Espiritismo. Quinta edição. Grande in-18 de 500 páginas. Preço: 3 fr. 50 cent.; despesa de correio, 4 fr.

**VIAGEM ESPÍRITA EM 1862.**, pelo Sr. Allan Kardec. - Contendo: 1º as observações sobre o estado do Espiritismo; 2º as instruções dadas nos diferentes grupos; 3º as instruções sobre formação dos grupos e sociedades, e um modelo de regulamento ao seu uso.- Brochura grande in-8º, formato e justificação da *Revista espírita*. – Preço: 1fr., para toda a França; para o estrangeiro, o porte em suspensão.

**VIAGEM ESPÍRITA EM 1862,**

**REVISTA ESPÍRITA**, jornal de estudos psicológicos, publicado todos os meses, desde 1º. de janeiro de 1858. – Preço da assinatura: para toda a França e a Argélia, 10 fr. por ano; para o estrangeiro, 12 fr.; América e países de além-mar, 14 fr.

## OBRAS ESPÍRITAS

**O Espiritismo em Metz.** Escolha de comunicações de além-túmulo, obtidas por diversos médiuns, - Preço: 1 fr., despesa de correio, 1 fr, 10. – Metz, livraria Srs. Lindeu, Verronais. Paris, casa Ledoyen.

**Reflexões sobre o Espiritismo, os Espíritos e seus contraditores,** por J. Chapelot; in-18, preço: 50 cent., em benefício dos desempregados da Seine-Inférieure. – Bordeaux, em todas as livrarias; Paris, casa Srs. Didier, Ledoyen.

**A verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos.**

**O Espiritismo sem os espíritos,** por um Espírita teórico. – Duas brochuras, preço: 50 cent., cada, o conjunto 1 fr.; despesa de correio, 1 fr., 10 cent., casa Dentu, Palais-Royal.

**Poesias de além-túmulo.** – Sociedade espírita de Constantine. Preço: 1 fr., 50 cent.; despesa de correio, 1 fr., 60 cent.

**História de Joanna – d’Arc,** ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, esta com 14 anos de idade. Gr. lin-18, preço: 3 fr.; despesa de correio, 3 fr., 30.

**O espiritismo em Lyon.** – Escolha de ditados espíritos, com vários desenhos mediúnicos. Preço: 1 fr., despesa de correio, 1 fr., 10 cent.

**Fábulas e poesias diversas,** por um Espírito batedor, 1 vo., in-12. – Csrcassone, livraria Marilac,- Toulouse, livraria Arming. – Paris, casa Ledoyen. Preço: 2 fr.; despesa de correio, 2 fr., 30 c.

**Simple narrativa de manifestações extraordinárias dos espíritos** que se produziram em Lisieux, pelo Sr. Duprey. – Preço: 60 c. – Em benefício dos desempregados. – Rouen, livraria Giroux e Renaux, rua do Hospital, 25, e em Paris, casa Ledoyen.

**A verdade**, *Jornal do Espiritismo*, semanal. – 7 fr., por ano para Lyon; - 9 fr., para Paris e municípios. – Lyon, rua da Caridade, 29.

**A colméia espírita Bordelaise**, *Revista de ensinamento dos espíritos*, duas vezes por mês. 6 fr., por ano. – Bordeaux, rua dos Trois-Conils.

### **OBRAS CONTRA O ESPIRITISMO**

**Sobre o Espiritismo**, pelo R. P. Nampon, da Companhia de Jesus. – Discurso pregado em Lyon na igreja primacial de São João Batista, em 14 e 21 de dezembro de 1862. – Livraria de Girard e Josserand. Paris, praça Bellecour, 30. Paris, rua Cassette, 5.

**Refutação completa da doutrina Espírita**, pelo Sr. Abade J.- B Marouseau. Paris, livraria Charles Douniol, rua de Tournon, 29. Preço: 1 fr.